



TRANSCRIÇÃO EPISÓDIO MARIA RITA KEHL

[00:00] letrados

[MARIA RITA KEHL]: Pode começar?

[HEIDI TABACOF]: Uhum.

[MARIA RITA KEHL]: Bom, fiquei pensando que apesar das pessoas me conhecerem como Maria Rita, pros meus amigos eu sou Rita; na minha família eu sou Ita, que era o modo como meu irmão que vem logo depois de mim me chamava, porque ele não conseguia falar o "erre"; pros meus sobrinhos eu sou Tita, porque era como meu filho me chamava pequeno e, enfim, é engraçado, mas acho que todo mundo tem vários modos de se nomear, vários apelidos e vários... E eu me reconheço muito como Rita mesmo, eu gosto desse nome curtinho, que pra mim é um nome vermelho e branco, as letras tem cores, vocês sabem. E meu nome é vermelho e branco.

Eu sou psicanalista já há uns 30 anos, mas eu também me identifico muito com o que eu queria ser na infância que era escritora.

E eu dizia direto quando me perguntavam que eu ia ser: escritora, mas não sou capaz de escrever ficção, isso é uma frustração, pequena, porque a gente vai compensando as frustrações, não vai ficar com elas pra vida inteira. Então eu escrevo um pouco psicanálise, um pouco jornalismo e com isso eu compenso não ter sido uma escritora de ficção.

Eu gosto de uma frase do Flaubert, que é claro que eu só li depois de adulta, mas que eu acho que também me identifica, ele diz em algum momento, não lembro quando: "*Je suis un enfant imaginaire*" – "eu sou uma criança imaginária". E, pode ser um pouco estranho, porque como eu tenho um pouco de uma atividade pública e provavelmente nela eu me coloco muito objetivamente, mas eu imagino um pouco mais até do que eu acho que eu deveria. Eu imagino o tempo todo! Sempre tem uma outra cena, como tem em todo mundo, mas é como se pra mim ela fosse muito consciente. Uma outra cena que é fantasia, de qualquer coisa que eu esteja fazendo. Principalmente quando eu faço uma das coisas que eu mais gosto que é andar a pé pelas ruas.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Eu já não tenho carro há algum tempo e descobri como é maravilhoso andar a pé: o prazer do corpo, do movimento do corpo; o prazer de estar na cidade; o prazer de ver as coisas. Um pouco *voyeur*, muito mais do que do carro, porque você para, você vê dentro das casas, você vê os quintais, você vê as copas das árvores, não tem perigo de você bater no carro da frente... E desde que eu não tenho mais carro e faço minhas coisas, principalmente o caminho pro consultório a pé, ficou mais prazeroso acordar de manhã e ir trabalhar. Tinha um certo mau humor que eu não sei, e nem me importa analisar, de acordar de manhã e pegar o carro e sair, ou da garagem, ou da rua, quando eu passei a morar em casa... Mas tinha um mau humor nisso e esse mau humor desapareceu quando eu virei pedestre.

Tô fazendo um pouco de propaganda porque é claro que São Paulo seria muito melhor se todo mundo andasse a pé, ou se pelo menos metade da população andasse a pé, a cidade ficava mais leve. E ela não é perigosa para os pedestres, quero avisar isso, ela é perigosa pros motoristas. Eu nunca fui assaltada a pé, nem abordada, nada. E na janela do carro, quando eu tinha carro, muitas vezes!

Bom, isso é associação livre, fui por esse caminho, volta.

Eu sou... Eu tenho cinco irmãos, nós somos seis irmãos, mas na verdade, os irmãos que são os irmãos com quem você compartilha a infância, que são os IRMÃOS, aqueles irmãos assim... São três, eu tenho três irmãos homens, que são filhos de pai e mãe. Eu sou a mais velha. Não sei dizer se é uma situação privilegiada ou não, ou pior, o contrário ou nenhum dos três, eu ter sido a única menina, com três irmãos depois de mim, eu fiquei muito moleca durante muito mais tempo do que eu deveria. Muito "menininho", assim, muito subindo em muro, subindo em telhado, subindo em árvore... Não jogava bola, não jogava futebol, essa parte não me interessou... Na verdade eu era mais moleca do que meus irmãos, era uma certa... Fazia questão disso. Uma vez minha vó foi lavar roupa no tanque, na área de serviço da casa dela que era nos fundos da casa em que eu morava e de repente ela me viu voltando, pulando o muro de volta que eu tinha ido andar no telhado do vizinho, aí ela contou pros meus pais, houve uma certa repressão, mas eu acordava mais cedo que todo mundo e continuava indo pro muro e pulando e indo pro telhado e vendo os quintais das outras casas...



PSICANALISTAS QUE FALAM

[05:20] Eu acho que essas coisas fazem parte do que a gente se torna, sem dúvida nenhuma, essas experiências infantis. Claro que elas já são produzidas por quem a gente é na infância e elas se tornam parte do que a gente vem a ser na vida adulta. E, apesar da psicanálise, que é muito importante na minha vida, apesar de eu ter trabalhado muito tempo como jornalista e apesar de eu não ser uma escritora de ficção – gostaria de ser, mas não consigo ser, tenho certeza de que uma das frequências de onda em que eu funciono é a imaginação.

Eu não escolho isso, eu não decido isso, mas certamente tem uma cena que eu estou permanentemente – a não ser no consultório que aí você é chamada pra cena de quem está falando – mas quando eu estou comigo mesma, metade da cena é fantasiosa. E isso torna a vida interessante. Minha vida é normal, não é que eu tenha uma vida aventureira e mirabolante, mas ela é o tempo todo interessante pra mim.

E eu sou uma pessoa que todas as manhãs, isso é o bovarismo, não é, isso é o que... Eu comecei com uma frase do Flaubert e pensei que isso é o bovarismo: eu acordo com aquela coisa assim: "O que é que vai acontecer hoje?". Inevitável, antes que eu me dê conta que eu já acordei tem essa: "Oba, o que é que vai acontecer hoje?". A não ser que eu tenha dormido mal, mas é muito raro também, de uns tempos pra cá.

Bom, vou tentar organizar um pouco o que pode ser uma história, porque eu estou falando de características, tentar organizar um pouco o que pode ser uma história.

Eu fui muito católica – minha mãe era católica, mas não era carola, mas era católica, minha vó também... Meu pai e minha avó paterna, o lado paterno era ateu. Foi interessante também ter essas duas influências. Mas fui católica, de ir à missa, de me confessar, de fazer primeira comunhão... E, felizmente, fiz um colégio de dominicanas, num tempo em que os dominicanos eram uma ala muito progressista da igreja, nos anos 60. Tanto que depois eu fiquei sabendo que evidentemente freis dominicanos foram mortos, torturados, eram de esquerda etc.

Mas eu tive muito essa sorte, porque: a religião não entrou pra mim pelo lado da culpa, do pecado, do "isso é feio, isso não se faz", entrou pelo lado de uma



PSICANALISTAS QUE FALAM

certa responsabilidade com o outro, principalmente com o outro mais pobre, mais frágil e isso foi, assim, eu agradeço muito ter tido isso na minha formação do ginásio, digamos, já do começo da adolescência.

Nós fizemos um pouco de trabalho social, numa favela perto do colégio. Eu fazia um grupo com os meninos que era uma espécie de... um modelo como se fosse do escotismo, não era isso, mas pra eles se tornarem uma equipe ali dentro da própria favela onde eles viviam, de prestar ajuda para as pessoas, de eles fazerem um trabalho social com os moleques adolescentes ali... Foram coisas muito formadoras pra mim. Com pouca, felizmente pouco peso do outro lado do catolicismo que é a culpa, o pecado, "isso é feio, isso é aquilo". E muito marcante pra minha vida!

Uma única conversa no tempo dos dominicanos: havia um frei dominicano, não lembro quem era, ali no convento dos dominicanos na [rua] Caiubi, que fazia confissão frente a frente, sem o confessionário. E eu tava entrando na adolescência e fui lá com muita vergonha dizer a ele que eu gostava de olhar meu corpo, de me vestir, olhar meu corpo, tirar a roupa e olhar meu corpo, que eu tava gostando do que tava acontecendo com meu corpo. E fiquei esperando ele me mandar... dizer que isso era feio, que era pecado, que era luxúria, que era não sei o que... E ele falou: "Bom, Deus fez seu corpo perfeito, como ele fez de todos nós, se você gosta do seu você está homenageando a Deus".

Eu fiquei assim... Foi uma coisa maravilhosa! E, interessante, eu me lembrei disso agora, nunca mais tinha pensado nisso: que libertador ter tido a oportunidade de, apesar de ser colégio de freira, toda essa educação religiosa...

[10:11] Mais tarde eu abandonei a religião sem nenhum conflito, como cai um dente de leite caiu pra mim a religião católica, foi saindo do meu referencial, não foi uma questão mental... Mas muito importante ter tido esse tipo de contato. E ter tido também dos dominicanos, dessas freiras dominicanas também, essa ideia - que era muito a teologia da libertação, o cristianismo dos anos 60 - eu peguei o melhor disso, que era: "Bom, você se preocupe com o outro, você cuide de quem é mais frágil". Que era isso e não era chicotinho porque eu pequei, porque isso e aquilo.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Fiz psicologia, numa época... Dei um azar danado, porque eu entrei em 71, no pior momento da ditadura brasileira, que eu mal tinha ideia de que tinha problemas com a ditadura brasileira, porque minha família tava achando tudo muito bom, acabou com a ameaça comunista. E eu brinco que eu tenho um pouco de culpa pelo golpe porque no dia do golpe, que eu nem sabia o que tava acontecendo, uma tia-avó carola me disse: "Minha filha reza, reza pros comunistas não tomarem conta do Brasil". E eu rezei, então acho que uma parte da culpa é minha, naquele dia teve o Golpe, os comunistas não tomaram conta do Brasil, nem uma esquerda moderada, nem nada. Os militares tomaram o Brasil.

E eu não tinha a menor ideia, a minha família não foi nada atingida, eu só vim a me dar conta das barbaridades na universidade, nem as notícias a gente tinha, a gente não sabia que tinha gente morrendo na tortura, então...

E ainda por cima, nessa época exatamente, o meu pai virou diretor administrativo, não: diretor de planejamento de produtos da Villares – eu não sabia que a Villares, os Villares foram uma família que apoiou a Operação Bandeirantes, eu não sabia nem que existia a Operação Bandeirantes, o fato é que nessa época, como diretor executivo e pá, ele ganhou muito bem, ele construiu uma casa com piscina no Alto de Pinheiros e eu não tinha a menor ideia... Isso agora, quando eu participei da Comissão da Verdade eu pensei, não meu pai, meu pai era um empregado, mas: "Será que essa época que a Villares cresceu, pôde pagar tão bem, meu pai construiu uma casa, será que indiretamente aquela casa com piscina que eu levava meus amigos da USP pra fazer ensaio do grupo de música ou pra tomar banho de piscina tinha alguma coisa que o salário do meu pai vinha da Operação Bandeirantes?". Me deu uma aflição retroativa, porque essa casa nem existe mais e meu pai já morreu e os Villares hoje em dia são outra coisa, mas é um pouco assustadora essa perspectiva.

E me faz entender hoje, na época eu nem sabia que havia tortura no Brasil, mas me faz entender hoje:

Como a elite – e meu pai era um empregado, quer dizer, nem era elite proprietária – mas como elite, classe média alta num país miserável é elite –, como na ditadura todo mundo, de alguma forma, a não ser quem tava morto e torturado ou mães que estavam esperando seus filhos reaparecerem – todo mundo de alguma forma, quem enriqueceu, quem se deu bem, etc tinha alguma ligação



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

nem que fosse de terceiro grau com os horrores que estavam acontecendo no país. Isso é muito constrangedor, é o máximo que eu posso dizer, porque eu nem vejo meus pais como culpados, minha mãe muito menos, muito menos a mim, mas é algo que eu me dei conta de pouco tempo pra cá.

Bem, eu queria ser escritora quando eu era bem pequena, e eu comecei a escrever um livro na infância, infância-infância, e que mais tarde eu dei pro meu psicanalista ler – o Fábio Landa – e ele perdeu. Perdeu. Meu livro de criança, escrito com letrinha de criança. E, quando eu perguntei, ele nem sabia mais do que se tratava. Esse livro não tem nenhum valor, tinha um valor pra mim, mas era muito sintomático evidentemente do narcisismo infantil, porque era uma história de uma menina que era raptada da casa da família, e a família então se desesperava e procurava e ela nunca mais voltava pra casa da sua família original, só que ela conseguia fugir do cativo e ela virava uma menina de rua. E essa menina de rua aprendia a furtar comida da janela das cozinhas das casas, supondo que as casas todas dessem pras ruas, evidentemente. Então com uma varinha de pesca ela pescava um bife de um fogão etc. Ela aprendia a ler vendo as aulas da janela da escola. Ela usava roupas que ela ia numa fábrica que jogava fora as roupas com defeito. Enfim, eu inventava uma história para que essa menina fosse completamente independente de pai e mãe. Ela tinha um cachorro, vira-lata, evidentemente, chamado Peter, e ela morava num bueiro desativado. Então era uma espécie de Peter Pan, morando numa caverna, mas a caverna era uma caverna urbana...

[15:25] E eu adorava, eu passava dias sozinha andando pelo quintal da minha casa sendo essa criança, ninguém podia me ver, então criava uma brincadeira de passar despercebida pelos lugares, entrar na cozinha e roubar uma comida, subir a escada... Era uma brincadeira que eu transformei num livro e esse livro, enfim, perdeu-se.

Assim como minha infância foi muito interessante, a minha adolescência, como todas as adolescências talvez de uma época em que as adolescentes eram virgens e estudavam em colégio só de menina, a minha adolescência foi péssima!

Começou bem, começou bem porque tinha um grupo de teatro, não no meu colégio, mas no Colégio Santa Cruz, onde estudavam meus irmãos, era um colégio muito interessante e tinha um diretor de teatro que tava montando *Morte*



PSICANALISTAS QUE FALAM

e *Vida Severina* e ele precisava de meninas, porque só tinha meninos no Santa Cruz e ele foi pro Colégio Rainha da Paz, que era... E aí algumas meninas entraram nesse grupo de teatro e foi muito bacana ter participado desse grupo de teatro. Até que em 68, que eu nem sabia também o que tava acontecendo... Já dava pra saber, mas eu era boba e não sabia. Já tinha 16 anos, tinha gente que já tava indo pra luta armada com 17, 18... Não que eu quisesse ir, mas eu não tinha ideia... Mas de repente meu pai ficou apavorado que aquele grupo de teatro era de esquerda e era, dentro de um... razoavelmente de esquerda, sutilmente de esquerda... A gente montou *A Peste* do [Albert] Camus, que também pode ser lido de várias maneiras diferentes... E aí meu pai fez uma pressão enorme e eu saí do teatro, digamos, por vontade própria e me lembro que chorei muito quando eu anunciei que ia sair e os meus colegas todos de teatro me chamaram de covarde. E eu nem entendia porque, porque eu não sabia exatamente qual era o perigo.

É muito estranho você olhar pra você mesma do lado do tamanho da alienação que muitos adolescentes de classe média hoje, e durante a ditadura, viviam.

Embora eu tivesse em um grupo de teatro, embora eu fizesse trabalho social na favela, em relação ao país, ao risco, a tudo isso, eu não tinha muita ideia. E é um pouco irônico, porque então o AI-5 foi culpado de eu, então, a partir dos 16 anos, ter me tornado uma adolescente gordinha, porque daí minha vida virou um tédio. Acabou o trabalho na favela, acabou o grupo de teatro e minha vida virou um tédio. E eu comia, claro, que os adolescentes fazem quando estão entediados? Naquela época não tinha sexo, não tinha drogas, não tinha álcool pra adolescente. Eu tinha 10 quilos mais do que eu tenho hoje. Dos 16 até os 18, 19, quando eu passei a ter vida sexual e aí você reequilibra de um outro jeito, não é?

Bom, eu sempre soube que eu ia fazer psicologia. Com uma ideia completamente equivocada do que seria fazer psicologia, mas eu sempre soube que eu ia fazer psicologia. Eu achava, nessa adolescência, que a psicologia seria um jeito, confusamente também, de eu poder criar, ou participar de uma maneira... De movimentos de massa...

E eu tô contando e me dando conta de como tudo isso é contraditório, quer dizer: estudar em colégio de freira, sair do teatro porque meu pai fez pressão e, ao mesmo tempo, tinha uma vaga fantasia de que pra mudar o Brasil quem sabe



PSICANALISTAS QUE FALAM

os psicólogos conseguiam liderar as massas. Por que é que tinham que ser os psicólogos? (risos) Eu não sei. Mas eu tinha essa vaga ideia e fui fazer psicologia só por causa disso.

Ah, esqueci de dizer que no colegial eu fui estudar no Santa Maria, que era outro colégio de freira, mas não era tão interessante como das dominicanas. E era lá em Interlagos e era um colégio de meninas muito ricas, tinha algumas bolsistas, mas em geral... Meninas bacanas, meninas legais, mas muito ricas e eu só fiquei um ano lá e depois fui pro Fernão Dias, quis ir pra um colégio público e também numa época errada, porque foi o pior momento do ensino público do Brasil, porque foi uma época em que os governos militares pra aproveitarem melhor as escolas públicas e não terem que investir, evidentemente, em construir mais escolas, eles dividiram o período em quatro períodos, então você não tinha nem cinco horas de aula, você tinha 3 horas e quarenta de aula. Eu entrava às 7h30 e saía às 11h40, dá menos... Sei lá, é muito pouco tempo, seja como for.

[20:20] Então eu fiz um colegial péssimo e fiz um cursinho forte, entrei na Psico [Instituto de Psicologia da USP]. E quando entrei na Psico foi muito engraçado porque automaticamente eu fiquei amiga do grupinho de esquerda da classe, sem saber muito bem por que, porque eram pessoas legais, interessante, formamos um grupo de música...

O nosso trote foi muito legal, agradeço muito à turma do ano anterior, do então segundo ano, do ano de 1971, porque eles resolveram, ao invés de fazer aquele trote de raspar cabeça, mandar pedir dinheiro na rua, pintar de não sei o que, eles fizeram o seguinte trote: eles chamaram a classe do primeiro ano e disseram: "Vocês vão se dividir em grupos e vocês têm então a semana de calouros pra apresentar alguma coisa, no último dia vai ter uma apresentação.

Então tinha grupo de teatro, artes plásticas, cinema – cinema caseiro, e eu entrei no de música. E foi uma delícia! Eu sempre adorei cantar – uma das coisas que eu queria ser era cantora e nesse grupo só tinha... Todos tocavam muito bem, na minha classe tinha três músicos profissionais, uma sorte incrível. Mais tarde eu vim a ser namorada de um desses três. Então tinha três músicos profissionais, um baterista que veio de fora da Psico e eu e a Sandrinha Sofiati éramos as cantoras e era uma delícia.



PSICANALISTAS QUE FALAM

E eu sempre tive um repertório de letra de músicas, de cor, na cabeça, minha mãe cantava muito... E, se eu fosse sequestrada como o Washington Olivetto que ficou 15 dias incomunicável, eu teria música pra cantar, tenho certeza, sem repetir, os quinze dias.

Essa memória é inútil, só serve pra mim, mas me dá muito prazer, me dá muita alegria ter o que cantar a qualquer momento em que eu tô sozinha.

E nessa época que entrei nesse grupo foi muito legal esse grupo de música da Psico. Era bom, porque os meninos eram profissionais, então a gente se apresentou não só na semana de calouros, mas nós começamos a ser chamados pra tocar: em Ribeirão Preto nós fomos na Semana de Calouros, na Semana da Psicologia de uma outra cidade do interior de São Paulo... Nós íamos tocar nas semanas de psicologia, era um barato.

Durou três anos esse grupo e, claro, ali eu me politizei razoavelmente e começou também durante esse período da psicologia, eu comecei a namorar esse colega que era músico...

E meus pais implicavam muito, não por ele ser músico, mas hoje eu entendo, infelizmente tenho que dizer isso, mas era porque ele era de uma classe média bem mais baixa do que a nossa classe média em ascensão com o milagre brasileiro.

O pai dele era um maestro – era muito interessante esse universo todo dele pra mim – dessas orquestras que vão tocar em baile de formatura. Não era uma orquestra "pá". Ele tocava na orquestra do pai dele, o maestro Waldemiro Lemke. Mas foi muito interessante pra mim, porque em nome de eu perceber que eu tava desagradando tanto os meus pais, eu resolvi sair de casa, fui morar num apartamentinho onde já tinha três amigas morando. Era tão pequenininho que eu morava numa cama que ficava embaixo da cama de uma delas, no quarto, porque não tinha espaço no quarto para uma cama a mais. Ali num prédio na Benedito Calixto que eles chamavam de "Cruspinho", porque era a continuação... Porque eram apartamentos de dez por andar e de um quarto só, então muita gente da USP morava lá. Então foi muito legal sair da casa dos meus pais, porque eu, morando em São Paulo, eu não precisaria sair, eu poderia ser dessas pessoas que sai da casa dos pais pra casar, mas eu tive essa sorte de ter tido esse conflito, eu



PSICANALISTAS QUE FALAM

digo sorte porque não estragou a relação com meus pais, não foi um rompimento, eu só saí falando: "Tá, se eu quero viver minha vida de um jeito que eles não gostam, eu vou viver separada". E foi muito interessante, mas...

Bom, vale contar, brevemente, nesse período meus pais se separaram, eu ainda tava na casa deles e aí eu tive um período de Síndrome do Pânico, que nem tinha esse nome na época, chamava Fobia. Eu não conseguia sair sozinha e ir pra lugar público, ir pra lugar cheio de gente... Eu não conseguia.

Uma grande amiga minha de ginásio me convidou pra ser madrinha de casamento dela, eu aceitei e no meio do casamento eu tive que sentar no degrau da escada da igreja porque eu sempre achava que eu ia desmaiar. Eu não desmaiaava, eu achava que ia desmaiar, essa era Síndrome do Pânico. E o mais engraçado é o seguinte, a Psicologia da USP era muito forte em Experimental, condicionar ratinho, do terceiro ano em diante que melhorou, e eu me curei da minha síndrome do pânico com condicionamento operante, eu mesma: "Hoje eu vou sair de casa e vou andar um quarteirão e vou voltar". Voltava suando frio. "Amanhã eu vou sair"... Andava dois quarteirões e voltava. E com isso eu me curei. Funciona, não resolve o problema que causou.

[25:18] Só quando eu fui fazer análise que: "Ah, meus pais estavam se separando, nossa, eu achei que eu ia ter que cuidar da minha mãe, me deu claustrofobia". Claro, óbvio, mas isso precisou passar mais dois ou três anos... Não, mais tempo ainda, quando eu fui fazer análise.

Bem, quando eu saí da casa dos meus pais eu não trabalhava ainda e não queria trabalhar no que poderiam ser os estágios de psicologia, eu achava tudo um pouco xarope, pra falar a verdade, e na minha... Lá em Pinheiros, onde eu morava, minha casa dava os fundos pra um mercadinho chamado Bazar 13, esse Bazar 13 virou Pão de Açúcar, mas ele era da família dos... A gente chamava os "Turcos de Pinheiros", que era a família Nassar. Eram sete irmãos árabes. Seis tinham lojas ali na região: uma loja de armarinho, esse Bazar 13, que mais tarde foi vendido pro Pão de Açúcar, etc. E o irmão mais novo não dava pro comércio e o pai não queria que ele ficasse vagabundo, então deu pra ele um jornalzinho, que era aqueles típicos jornais do bairro que tinha: a capa eram notícias curtas de política, a contracapa eram notícias curtas de cultura, notícias e matérias assinadas – eles trabalhavam com matéria assinada – e o miolo era para



PSICANALISTAS QUE FALAM

publicidade. E eu fui então, bati na porta mesmo e falei: "Ah, eu posso escrever aqui?". E o subeditor, o editor-chefe de redação falou: "Vai ver esse filme aqui que estreou, escreve uma crítica e traz aqui pra eu ler pra ver como é que é". Aí fui ver o filme, escrevi a crítica, levei pra ele, ele leu e falou: "Olha, tá bem escrito, você escreve bem, tem ideias boas, mas isso aqui é um trabalho de colégio, eu vou te ensinar a transformar num artigo de jornal". E me ensinou o básico do jornalismo: "Você tem que fazer uma abertura, na abertura você já tem que pôr as informações mais importantes, tem que chamar a atenção do leitor, e depois você põe as suas opiniões etc".

Foi muito legal, com uma coluninha no jornal do bairro por semana e uma monitoria de psicologia animal na USP que eu tinha que, acreditem, alimentar moscas, e fazer fermentar uma ração pra pôr nas moscas e tirar os ovos das moscas... Porque psicologia animal tinha aquela coisa: tinha que observar o comportamento se a mosca coçava a patinha assim ou se coçava assim... Era uma perda de tempo imensa, mas... Com essas duas coisas eu consegui sair de casa.

E depois de algum tempo... E eu ainda tava com essa Síndrome do Pânico, eu andava na rua e achava que ia desmaiar, mas eu já... metade da coisa já tinha resolvido saindo de casa. E aí um dia esse chefe de redação falou: "Olha, o dono do jornal quer te conhecer, porque você é a única da redação aqui que ele ainda não conhece e você é a única que não é jornalista e ele quer te entrevistar". E aí, claro que eu pensei: "É na frente desse cara que eu vou desmaiar". Então fiquei lá, suando frio, pus sal na língua, respirei fundo, entrei, e qual foi minha surpresa de perceber que o cara tava mais nervoso e mais aflito do que eu. Não por ser a minha pessoa, evidentemente, mas porque ele era tímido, tímido... Por isso que ele foi o único da família que não deu pro negócio e ficou no jornal e o nome dele era Raduan Nassar. Ele foi meu primeiro editor. A nossa entrevista foi cômica, porque ele me perguntou duas coisas assim como quem quer se livrar rápido de mim, eu respondi assim como quem quer se livrar rápido dele. "Tá bom, tudo bem, tchau, obrigada". Foi assim. Então esse jornal era o jornal do Raduan Nassar, que ainda não era o Raduan Nassar. *Lavoura Arcaica* saiu uns 10, 15 anos depois, não sei.

Bem, tudo isso eu tô falando tanto e não cheguei na psicanálise, porque, de fato, eu demorei muito pra ir pra psicanálise.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Tem ainda um outro capítulo, que foi muito formador pra mim também, eu já tinha um outro namorado, que era um jornalista, que é um amigo muito querido até hoje, o Inimá Simões, e um dia eu tava na casa dele e ele disse: "Vai abrir um jornal novo, um jornal de esquerda, contra a ditadura, vamos lá! Vamos escrever alguma coisa! Vamos ver se eles nos aceitam como colaboradores". E era o *Jornal Movimento*. E então nós fomos. E o editor do *Movimento*, que era o Raimundo Pereira, nem o Raimundo falou com a gente, quem falou foi o editor de cultura, o Flávio Aguiar.

[30:00] Ele nos mandou entrevistar o Paulo Emílio Salles Gomes. Não, me desculpem, o Inimá ofereceu uma entrevista com o Paulo Emílio Salles Gomes, porque o Inimá estudava cinema e nós fizemos uma longa entrevista com o Paulo Emílio, que saiu no *Jornal Movimento*.

Eu me lembro muito pouco, porque eu fui praticamente a – como é que chama – estenógrafa dessa entrevista porque ele que sabia exatamente o que perguntar, ele que estudava as coisas, mas no fim eu acabei sub-assinando a entrevista.

E em seguida o editor de cultura, que era o Flávio Aguiar, que é um escritor muito interessante hoje em dia, ele disse que precisava de uma assistente de edição... Ele era o assistente... Não sei, aconteceu alguma coisa que faltou alguém e aí ele me chamou pra trabalhar na redação. E no *Jornal Movimento* eu podia trabalhar sem ter diploma, porque era um jornal que era todo fora da regra já: jornal de esquerda, contra o sistema... Muita gente lá não era jornalista, então eu virei sub-editora de cultura. E nessa época eu fiz entrevistas inesquecíveis...

Eu perdi, por exemplo, a entrevista que eu fiz com a Carolina de Jesus, a primeira entrevista que eu fiz, eu fui com o Murilo – esqueci, daqui a pouco eu lembro do sobrenome dele, que era mineiro – e falou: "Quer ir comigo, vamos entrevistar a Carolina de Jesus?". Nós fomos lá em Parelheiros, era tipo duas horas pra chegar na favela em que ela morava, numa casinha de alvenaria, mas numa favela. E eu escrevi à mão e fizemos uma entrevista que saiu na última página com a Carolina de Jesus. Não sei onde está essa entrevista.

E teve essa com o Paulo Emílio...

Depois de um tempo...



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

Ah, eu entrevistei a Elis Regina! Na casa dela, naquela casa que aparece no filme, que tem um quintal, que ela morava com o Sérgio Camargo Mariano, já com dois filhos e grávida... Não, grávida não, já tinha a Maria Rita, ela falou: "Ah, seu nome é Maria Rita? Minha filha também chama e tá no bercinho ali". Eu acho que já tinha a Maria Rita. Agora tô na dúvida se quem tava no bercinho era o segundo filho e ela disse que se tivesse uma filha mulher ia se chamar Maria Rita ou se era a Maria Rita mesmo.

Enfim, foi muito legal essa fase. Escrevia também, inventava coisas, ia ver filme, tudo que a gente faz como jornalista, não é?

Eu nem sabia que o *Jornal Movimento* seguia a linha, digamos assim, política do PCdoB, revolução pelo campo, naquele tempo, gente, é surreal falar isso hoje, nós passávamos noites, às vezes varava a noite o jornal discutindo, se a nossa linha programática ia ser que a revolução ia ser pelo campo como na China, ou com base operária como na Rússia. Não teve revolução nenhuma e nós discutindo isso, em plena ditadura ali

Quer dizer, claro que nós também tínhamos uma linha de intervenção prática em relação as coisas que estavam acontecendo...

Eu e a Maria Moraes escrevemos uma matéria sobre o [Sérgio Paranhos] Fleury barra pesada, quando o Fleury morreu. Tudo bem, já tinha morrido não ia bater na gente, mas, forte, assim, bem forte. Não, não foi quando ele morreu, foi antes dele morrer, eu lembro até, não sei porque que a ilustração tinha uns reis de copas, rei de espada, rei de ouro, todos os reis ali, talvez por causa da música... Já tinha essa música "Cai o rei de copas, cai o rei...".

Bom, o *Jornal Movimento* uma hora rachou, porque a linha editorial do PCdoB era muito... Principalmente na questão da cultura, era muito dogmática e uma hora, depois de uma reunião de uma noite inteira, aquelas coisas exaustivas – a gente não dormia, ficava à noite mesmo, discutindo, discutindo, discutindo... Criou-se um outro jornal, que foi o *Em Tempo*. E aí no *Em Tempo*, como eu fazia parte da equipe já mais experiente, que se formou, eu virei, sim, editora de cultura, no *Movimento* eu sempre fui sub-editora.

Eu virei editora de cultura no *Em Tempo* e foi muito estranho, porque daí, nessa época, as organizações de esquerda já estavam totalmente esfareladas



PSICANALISTAS QUE FALAM

pela repressão e restava a eles aparelhar esses jornais de esquerda. Então foi muito difícil, porque o *Em Tempo* virou um jornal de grupelhos disputando a linha editorial.

A editoria de cultura era muito engraçada, porque eram três editores, na verdade, eu e mais dois. Era eu da linha moderada aberta, que não era de nenhuma tendência; um editor que era da AP e outro que era do PCdoB, que era MR8, na verdade. E discutir pauta e conseguir aprovar qualquer coisa era uma loucura. Eram reuniões de noite inteira também, mesma coisa.

[35:09] O Zé Miguel Wisnik que era da editoria de cultura, escrevia sempre sobre música, um cara maravilhoso! Um dia ele me falou que ele tava fazendo análise, eu falei: "Ah, é?". Tava fazendo análise. "Com quem?". Aí ele começou a me contar das maravilhas da análise: "Ah, com um cara que chama Fabio Landa". E na época era reichiano, né? Tinha que tirar a couraça da gente. E eu fui fazer análise com o Fabio Landa. E durante um tempo foi muito legal! Depois deixou de ser. Mas aí eu não quero contar, mas deixou de ser. Não vou dizer, mas não foi porque ele me assediou, ponto. Porque isso já aconteceu com outros analistas, sei de histórias assim e se eu deixar no ar vai parecer que é isso e não é. Só deixou de ser, deixou de ser interessante.

Mas, nesse tempo que eu comecei a fazer análise eu fiquei muito encantada com esse dispositivo e, de repente, eu disse: "Nossa, mas eu sou psicóloga, eu posso fazer isso".

Não estava ainda pensando no assunto. Meu filho nasceu de um casamento que era morar em comunidade.... Ah, tudo isso também: morava em comunidade, continuei morando em comunidade, meu filho nasceu em comunidade – o da Heidi também, então a gente sabe como é isso, em comunidade...

E eu tinha uma bolsa da Fapesp, eu tava tentando fazer uma tese sobre televisão. Mas é claro que quando o Luan nasceu meu rendimento baixou um pouco, a bolsa acabou antes de eu ter terminado a pesquisa, eu pedi uma prorrogação, não ganhei e aí eu tinha que ganhar dinheiro.

E uma jornalista chamada Irede Cardozo tinha um programa numa rádio, chamada Rádio Mulher, em que ela atendia os ouvintes ao vivo e ela ou tinha se



PSICANALISTAS QUE FALAM

demitido, ou ela tinha sido demitida, eu não lembro, eu não sei quem conhecia a Irede, eu não sei quem me passou... Ah, a Tânia Celidônio, me cantou essa bola e disse assim: "Ah, eles estão precisando de uma jornalista psicóloga, vai lá". E aí durante alguns meses eu fiz uma coisa deliciosa que foi um programa de rádio!

Eu tive isso duas vezes na minha vida. Era uma delícia, chamava *Rádio Mulher* e eu tinha que todo dia ter... Chamar um ou dois convidados ao vivo. O programa durava uma hora e meia, duas horas, não me lembro, era muito longo. Acho que durava uma hora talvez, não sei, era muito longo. Eu tinha que ter um convidado e discutir com ele algum assunto do interesse da mulher... Eu lembro que o primeiro que eu levei foi sobre ciúme e foi um sucesso. E aí ligavam, as pessoas ligavam ao vivo, era muito legal. As pessoas ligavam ao vivo. E se consultavam não comigo, com o convidado. E às vezes o convidado faltava e eu tinha que improvisar o programa e, às vezes acontecia, e aí eu até no intervalo pedia pros amigos ligarem pra eu ter mais telefonema, porque se não eu não ia ter assunto pra durar uma hora e meia. Só que uma época acabou a direção da rádio...

Só que aí, essa pessoa que me levou perguntou: "Mas você também não é psicóloga, psicanalista? Você pode me atender?". E eu falei: "Posso". Eu tinha uma amiga que tinha um consultório: "Você pode me emprestar um horário?". "Posso". E, quando eu vi, eu tava atendendo.

Essa moça me indicou uma outra também dessa rádio.

Foi muito interessante porque a minha segunda paciente da vida era fóbica, hoje em dia se chama Síndrome do Pânico.

A gente em psicanálise estruturalmente chama de fobia, até hoje, porque chamar de fobia você consegue ter um enfoque psicanalítico, se você chama Síndrome do Pânico é um enfoque médico, não é?

E foi difícil pra mim, porque nas sessões ela suava frio, ela achava que ia desmaiar... E o meu instrumental era precário. Imediatamente comecei a fazer supervisão e tudo, mas era muito precário.

Mas tinha aquela vontade e muita dedicação e muita atenção ao ouvir e muita inspiração também, porque nessa abertura que a gente faz, isso todos os



PSICANALISTAS QUE FALAM

psicanalistas, nessa abertura que a gente faz pro que o outro tá falando, surge o que a gente tem que dizer, então foi muito interessante.

E a partir daí eu passei a ter uma clínica, quer dizer, em um ano eu tinha sete atendimentos. Isso foi 81. E com isso você faz uma clínica. Então eu continuei colaborando pra jornais etc, mas...

[40:02] Ah, eu esqueci de dizer que eu tive uma passagem pela *Revista Veja*, no tempo que era o jovem Gui, o editor de cultura, muito querido e muito sensível, no tempo em que a *Veja* - gente, não era a *Veja* de hoje, né, a *Veja* era completamente diferente, tanto que a *Veja* era uma revista que conseguia ainda colocar umas capas, em 77, 78, disfarçadamente confrontando a ditadura. Eu fazia uma coluna de televisão. Foi legal. Depois fui pra IstoÉ.... Continuei fazendo colunas em vários lugares...

Eu fico contando isso porque talvez escrever seja, desde aquela época em que eu escrevi, tentei escrever a minha ficção, com sete anos, oito anos, sei lá. Escrever é indissociável de mim. Como cantar é indissociável de mim.

E é engraçado que a minha irmã querida, do segundo casamento do meu pai, virou cantora, a Juliana Kehl e uma boa cantora! É claro que, quando eu fui ver o primeiro show dela, eu disse pra ela: "Ju, se eu tivesse oito anos e você tivesse virado cantora, você não teria sobrevivido a mim, eu teria te matado, mas felizmente já crescemos e felizmente eu tô muito emocionada de você ter virado cantora!". Mas eu canto o tempo todo.

Então essas duas coisas não atrapalham a clínica. Às vezes uma música na cabeça atrapalha um pouco, confesso, mas eu não tenho controle sobre isso. Não atrapalha a clínica. E principalmente escrever pra mim é uma atividade, eu posso dizer que até hoje eu faço duas coisas: eu sou psicanalista e eu escrevo.

Devo falar um pouco de livros? Interessa falar de livros?

Bom, primeira vez que eu me vi publicada, digamos assim, foi... O Adauto Novaes, que é um homem que durante anos e anos e anos trabalhou na Funarte, ele criou uns ciclos de palestras, muito interessantes, temáticos. E o primeiro desses ciclos foi sobre indústria cultural. Então: televisão, cinema, música, teatro e literatura. Foi a primeira vez que eu o conheci, ele foi na casa em que eu



PSICANALISTAS QUE FALAM

morava... Isso acontecia, isso era outra coisa interessante, anedótica: ninguém tinha telefone em casa, né, gente? Nas casas, quando a gente morava com a moçada, na casa dos meus pais tinha. Então um dia alguém bate no seu portão e é alguém que veio te convidar pra um trabalho, é alguém que veio saber se você tinha uma xícara de açúcar – um vizinho que também morava em comunidade. E um dia bate esse mineiro que morava no Rio e falou: "Olha, eu tô fazendo um grupo de discussão ligado ao NEP – que era o Núcleo de Estudo e Pesquisa da Funarte sobre indústria cultural – aí eu já tinha umas coluninhas que escrevia sobre televisão – e eu tenho gente pra escrever de cinema, teatro, música, "barara-barará", você não quer escrever sobre televisão?".

E aí a gente ia pro Rio, tinha umas reuniões ótimas, eu conheci gente, tive uma sorte danada: conheci o Zé Miguel nessa época, conheci o Zé Arrabal nessa época, conheci o Jean-Claude Bernardet... O Jean-Claude eu já conhecia por causa também do *Jornal Movimento*... A Ana Cristina César eu conheci nessa época, ela era do grupo que escrevia sobre poesia, me esnobava! Ela devia me achar uma boba, porque ela era muito sofisticada e eu era aquela jornalista de esquerda e ela me esnobava loucamente. Eu tinha a maior admiração por ela, ela já tinha escrito *A teus pés*. Um dia eu falei que o livro dela era fantástico, ela fez: "Pfff", fez assim...

Mas eu conheci um monte de gente interessante, e a gente ia pro Rio, tinha discussões enormes. Depois produzíamos esses textozinhos. E eu produzi um texto sobre televisão. Entrevistei o Daniel Filho. Eu escolhi a Globo. O Inimá escolheu a Tupi e o outro escolheu a Excelsior. As televisões... A Globo que cresceu nos anos 70 e a Excelsior que se afundou, porque era um grupo, o grupo Simonsen, Bozano-Simonsen, sei lá, era meio de esquerda. Era meio de oposição à ditadura, não sei se era de esquerda. E a Tupi que também teve seu apogeu... A Globo que tava subindo nesta época. Então esse foi o primeiro livro do qual eu participei, eu escrevi, é um livrinho, saiu uma coleçãozinha linda: televisão, cinema, artes plásticas, teatro e literatura. Enfim, foi a primeira vez que eu me vi num livro.

[45:02] Depois a Brasiliense organizou um livro que se chamava *Um País no ar*, em que também o Inimá, eu e mais outras pessoas e daí eu escrevi sobre a Globo de uma forma mais extensa, mais crítica. Eu pude entrevistar alguns executivos também. Tem um artigo grande sobre a TV Globo. E depois disso eu acho que eu passei um tempo sem escrever.



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

Engraçado, porque... Ah, não!

E daí depois em 2000, a Maria Emília Bender, que era editora da Cia das Letras, ela tava fazendo uma coleção sobre Ética. Então tinha: sobre ética e história – chamava um historiador; sobre ética e literatura; sobre ética e política... E ela me chamou pra fazer sobre ética e psicanálise. E eu adorei ter sido chamada.

Hoje quando eu leio esse livro eu falo: "Gente, é um livro de ensaios, na verdade", quer dizer, não é um livro que consegue ser uma tese de começo ao fim.

Agora, quando eu olho tudo que eu escrevi, que já tem um pouco mais... "Tudo" até parece que são 50 livros, não são, depois desse mais uns quatro ou cinco. O meu formato de escrita, isso não foi escolhido, recentemente eu olhei: são três ensaios. Todos os temas que eu escrevi se organizam em torno de três ensaios, inclusive *O tempo e o cão*, que é o mais substancioso.

Então *Sobre ética e psicanálise* são praticamente três ensaios. Um pouco o que teria sido a cultura ocidental, ou a ética, a questão ética, a questão da psicanálise e a questão da ética na psicanálise.

Depois eu resolvi fazer um doutorado, porque meu mestrado eu abandonei, esse que era pra ser sobre televisão, meu filho nasceu e eu não consegui, mas publiquei o livro. Não consegui continuar no ritmo de tese. E aí eu fui fazer um doutorado na PUC e eu queria ... Era um momento em que eu tinha... Eu e várias pessoas, claro, eu tô falando da minha história, até parece que eu tô falando e eu tava sozinha com tudo isso, evidentemente não. Mas começou a surgir uma discussão, principalmente dentro da psicanálise lacaniana, mas que vem de uma questão freudiana, em que há uma aceitação de um postulado estrutural, mas com base numa questão biológica, de uma inferioridade da mulher – inferioridade não é declarado assim na psicanálise, mas de uma certa falta de vocação pras mulheres para algumas tarefas da cultura, como diz o Freud, né?

Bom, que o Freud tenha escrito isso numa época em que, tirando a Lou Salomé, que aliás ele conheceu muito bem, estavam fora da tarefa da cultura, dá até pra entender que: "Bom, então tinha uma questão sobre o superego feminino, que não é tão bem formado, que o Édipo da mulher não se completa ou que ela esgota todas as suas forças na terceira fase do Édipo" – eu vou encurtar a teoria,



PSICANALISTAS QUE FALAM

tá? Se precisar vocês fazem um sinal. E isso tava me deixando muito aflita porque os lacanianos compraram isso de uma maneira... Pior: o Lacan como um chefe de instituição mais... Como dizer? Mais fálico do que o Freud, acho que o Freud era um sujeito eticamente muito ciente da sua castração e o Lacan não me parece, eu não conheci, mas eu brinco, eu falo assim: "Se eu conhecesse o Freud, eu seria amiga dele. Se eu conhecesse Lacan, eu não ia ir com a cara dele". Ele é brilhante, mas não é boa gente, não foi boa gente, eu não acredito, mas deve ter sido.

Eu tenho certas implicâncias com a pessoa do Lacan, como ele se coloca, com o narcisismo do Lacan. E com isso então eu comecei a implicar mais com as coisas que o Lacan diz sobre a mulher. E aí eu fui fazer um doutorado.

Então a minha pesquisa era tentar – o que não é muito difícil, na verdade – tentar mostrar historicamente como o lugar ocupado pela mulher, principalmente até que surgiram os métodos anticoncepcionais, quer dizer, enquanto a mulher tinha uma função reprodutiva condicionada pelo corpo.

O Baudelaire tem uma frase chocante, dos seus poemas em prosa, que é: "A mulher é natural portanto abominável". É horrível, é irônica. Baudelaire era misógino, tinha amantes e tudo, mas era misógino. Mas, é claro. É natural em que sentido? Porque a mulher estava atada à sua função de natureza.

[00:50:13] Enquanto ou ela virava uma solteirona, mulheres não iam para o mercado do trabalho, então ficava uma espécie de pobre criança grande na casa dos pais, depois indo morar de favor na casa de uma irmã, ou ela era mãe pra dar quantos filhos Deus quisesse, como se pensava antigamente.

Então é claro que existia essa determinante. Inclusive, se a gente pensar bem, quem emancipou as mulheres – claro que os movimentos feministas desde o final do século XIX, desde as sufragistas na França, na Inglaterra etc foram muito importantes, mas: a emancipação definitiva das mulheres se deve à pílula anticoncepcional. Poder escolher quantos filhos vai ter, se vai ter, se não vai ter e não deixar de ter vida sexual por causa disso, essa emancipação a gente deve à indústria farmacêutica. Infelizmente temos que admitir isso. Porque aí se revela, evidentemente, que o que parecia da natureza feminina não era da natureza feminina.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Aliás, tem um pequeno período do século XVIII, um período muito interessante na França, em que você encontra escritos de algumas mulheres da nobreza – claro, que era quem tinha tempo pra isso, porque não tinha que ficar esfregando chão e lavando roupa dos outros – já mais velhas, ou seja, mulheres que tinham sido alfabetizadas em casa e que tinham seus diários, tem livros de correspondência muito, muito inteligentes, muito sagazes e muito envolvidas nas questões da cultura.

O XIX é que foi um século caretão mesmo. Porque aí se forma a família nuclear e aí quando deixa de ser uma vida de corte ou de aldeia, tanto faz, em que tem em que a mulher ainda tá de alguma forma no espaço público. Quando se forma... Até por mudanças na forma do poder, na forma econômica... Quando se forma a família nuclear, a mulher tem que ficar em casa. Ela é, digamos assim, a base estratégica do marido investidor, que tá correndo sérios riscos todos os dias, porque o capitalismo tá se afirmando, era uma empreitada de risco cotidiana pro burguês, digamos assim. E a mulher em casa. Tanto que a mulher operária não tinha essa questão. Ela tava na fábrica porque precisava, deixava a criança... Não sei se vocês lembram, o primeiro capítulo de *O Capital*, quando o Marx conta a situação da mulher operária, que algumas botavam álcool no leite da mamadeira pra criança dormir até elas voltarem porque não tinha com quem deixar a criança, era um pavor!

Então a minha pesquisa de doutorado, que felizmente o meu orientador o Manoel Berlinck não me orientou nada, ele não tinha o menor interesse na minha pesquisa, então eu fiz o que eu quis. Foi bom. Ele não me orientou, mas também não me podou, né? Me deixou livre.

E aí esse deslocamento do feminino eu dividi em três partes: a história das mulheres, a primeira parte; a discussão dos textos só do Freud onde ele fala sobre a mulher, como ele pensa a metapsicologia no caso das mulheres; e a última parte, então, eu fui olhar o romance oitocentista, como é comum no romance do século XIX – escritos por homens, não é? Tem poucas mulheres escritoras – como é comum essa personagem: a mulher que tenta superar a mediocridade da sua vida, muitas vezes com uma imaginação romanesca, porque ela é leitora de romances e ela acaba tragicamente. Anna Karenina na Rússia, é assim: alfabetizada, inteligente, mais brilhante que o marido... Essa é uma história, o Tolstói não sei se conheceu Flaubert, literariamente, tá aí essa história... E daí tem



PSICANALISTAS QUE FALAM

o amante, o amante é um jovem impetuoso que corresponde às fantasias romanescas dessa mulher, só que pro amante ela é só uma aventura, pra ela é uma expectativa de mudar de vida... Acaba se suicidando. Anna Bovary: a mesma coisa, acaba se suicidando. Tem uma escritora americana, chamada Kate Chopin, ela tem um livro chamado *O Despertar*, mesma coisa, acaba se suicidando.

[55:04] Capitu não se suicida, Capitu é interessante a história. Mas aqui, de alguma forma tem a mesma coisa... Não no sentido... Porque como o romance é escrito do ponto de vista do Bentinho, mas evidentemente uma mulher mais interessante do que aquele homem, não é? Evidentemente uma mulher... Por que que ele desconfia que ela o trai? E não importa, porque o Machado de Assis... Todo mundo pergunta: mas Capitu traiu ou não? Bom, se o Machado de Assis quisesse que a gente soubesse ele teria escrito. Ele não quis que a gente soubesse porque não é pra saber, é pra fantasiar. Mas o fato é que também: uma mulher interessante, que na infância ali dos dois era mais sabida que ele, era mais esperta que ele, também estudava, também lia e depois tem essa vidinha chata, que é a vida do matrimônio, a ponto de, como ela era interessante, conversava, etc, Bentinho não sabe se ela o trai com o Escobar ou não. Enfim, então esse foi o *Deslocamentos do feminino* que eu escrevi com bastante gosto. E é um livro um pouco romanesco também na escrita dele.

Será que o seguinte foi *O tempo e o cão*? Ou teve outro no meio? Qual foi? Podem me falar que eu não lembro...

[HEIDI TABACOF] *Ressentimento*.

[MARIA RITA KEHL] *Ressentimento*! Claro! (risos). Nossa, só porque ele é pequenininho de tamanho eu pulei ele.

Não, esse livro foi interessante porque foi um convite do Flávio, o Flávio Ferraz, com a coleção Casa do Psicólogo, uma coleção muito interessante, e quando ele me perguntou se eu queria escrever, mas ele disse: "Mas a questão é que as estruturas clínicas já estão todas... Já foram escritas". E eu falei: "Ah, ressentimento."

E por que que eu quis escrever sobre ressentimento? Porque na época eu tinha visto um filme, olha um detalhe, eu tinha escrito já um artigozinho pra um livro, uma coletânea de psicanálise e cinema sobre um filme que, de repente,



PSICANALISTAS QUE FALAM

todas as minhas pacientes mulheres falavam sobre esse filme: "Ah, que filme maravilhoso!", que chamava *O Piano*, da Jane Champion. E eu fui ver o filme achando que ia ser um filme maravilhoso e fiquei furiosa com aquele filme. Eu fiquei furiosa e falei: "Que personagem ressentida!". E aí eu escrevi um artigo sobre esse filme falando sobre o ressentimento.

E comecei a ler um pouco mais o Nietzsche, eu já tinha lido o Nietzsche por curiosidade quando ele fala do ressentimento, daí fui ler mais e fui criando uma teoria metapsicológica do ressentimento.

Você sabe, eu não consegui ser escritora de ficção, então eu invento meus livros teóricos, tem muita ficção talvez, mas enfim... Mas faz sentido, porque, pensando no Nietzsche, quer dizer não foi algo que eu... Que o ressentido tem uma espécie de covardia moral – essa expressão é do Freud, porque ele cedeu do seu desejo, por conveniência, por preguiça, por comodidade, ou por covardia. E depois, por que que ele não pode parar de dizer que ele foi vítima de alguém? Porque ele tá culpado consigo mesmo, ele tá ressentido, então ele tem que alguém... O Nietzsche diz exatamente isso, o ressentimento é assim: "Eu sofro, alguém tem que ser culpado". Essa frase é do Nietzsche. E por que que o ressentimento não passa, por que é que ele tem que continuar remoendo aquilo? Porque se não ele vai se confrontar com a sua covardia moral.

E é claro que no consultório existe – não é uma estrutura, mas é uma sintomatologia.

E eu também, provavelmente na época, não me lembro, também tinha escutado algumas manifestações ressentidas, e comecei a deixar de ser cúmplice dessa mágoa.

Você ouve uma vez, ouve duas vezes, uma hora você fala: "Bom, mas e você? Será que você não está arrependido de ter cedido? Será que você não tá com raiva de você mesmo porque você não enfrentou a situação?". E algumas pessoas davam a volta nesse ressentimento. Não todas, não sempre, tudo depende, no fim, de até onde vai o desejo de quem tá em análise, né?

Então esse livro... E também ele é em três partes. Eu sinceramente nunca calculei: "Vou escrever as coisas em três partes". Quando você vê, você escreveu



PSICANALISTAS QUE FALAM

em três partes. E o ressentimento é: Nietzsche, depois, na psicanálise, onde eu posso situar, e depois na literatura.

E na literatura eu usei um romance que eu não sei porque que na época todo mundo amava esse romance, achava lindo, que é *As Brasas*, do Sándor Márai. E esse é outro que me deixou furiosa, esse romance... Ali, assim, tem tarjeta, legenda: "ressentido", "ressentido", todas as páginas tá escrito, pra quem quiser ler que aquele cara que esperou, não sei quantos anos, pra chamar o outro, na frente da lareira e se... A torturar o outro a noite inteira pra dizer que ele sabia que o outro tinha traído ele e tentado matar ele naquela caçada, né?

[01:00:28] Achei horroroso esse livro. Embora bem escrito etc e tal, quer dizer, não tô avaliando a literatura, mas o ressentimento ali assim é o *leitmotiv*. E fiquei muito espantada em como as pessoas acham... Fica como sendo algo muito sensível. Uma história muito sensível, um personagem muito sensível.

Então, enfim, o terceiro livro foi o *Ressentimento*.

E acho que depois foi *O tempo e o cão*. Depois eu comecei a prestar atenção nos deprimidos.

E comecei a receber, que é bem recente se a gente pensar na nossa história de psicanalistas, na história de vocês também, cada vez vem mais gente se medicando, né?

Eu acho que talvez com vocês também aconteça isso. Cada vez vem mais gente ou se medicando ou perguntando sutilmente se a gente não gostaria de indicar medicação pro que eles estão passando... É claro que a indústria farmacêutica não tá ganhando a briga dos analistas, porque as pessoas continuam procurando a psicanálise, mas...

[FALHA NA LUZ]

[MARIA RITA KEHL] Que passou? Será que acabou a luz lá fora?



[CORTE]

[MARIA RITA KEHL] Tá, eu achei engraçado que eu falei tanto tempo e eu gosto de falar, mas eu tava começando a ficar constrangida como se eu estivesse numa festa que só eu falo e não tô deixando os outros falarem. Aí eu lembrei que não: eu tenho que continuar falando...

E tava brincando agora há pouco com o Edu que:

Ser psicanalista pra mim é uma vitória do espírito sobre a carne, porque eu sou muito falante! Então ficar quieta ouvindo o outro e não ficar dando pitaco, palpite... Palpite não serve pra nada, né, mas... É bem difícil, é bem difícil! Até hoje, 30 anos de prática e continua difícil.

[CORTE]

[MARIA RITA KEHL] Eu tava ainda nos livros, né? Falei do *O tempo e o cão*, depois teve aquele curto período em que eu fui cronista no Estadão. Primeiro eu não queria, a Laura Greenhalgh que é muito legal insistiu muito, eu comecei. Quando eu comecei a gostar, comecei a esquentar, comecei a escrever sobre política, aí eles me tiraram.

Foi meio chato, mas aí eu fiz um outro livrinho, que são as crônicas do *Estadão*, chama *18 crônicas e mais algumas* porque eu tinha outras que eu tinha escrito pra *Teoria e Debate*, que era a Revista do PT, que, durante muito tempo eu fui editora, junto com o Eugênio Bucci, da *Teoria e Debate*. Não, desculpa, eu não fui editora, eu fui do conselho editorial da revista. Então tinha crônicas também, daí eu juntei essas croniczinhas.

E agora eu tô com um livro novo pronto e de novo são... Não, esse é um livro de vários ensaios, de vários temas, mas ele se chama *Bovarismo brasileiro*, por causa de uma cena no *Quincas Borba*, do Machado de Assis, em que ele parodia uma cena do Madame Bovary e aí eu uso essa expressão bovarismo, que vem de um psicólogo francês chamado Jules de Gaultier que escreveu um livro



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

chamado *Le Bovarysme*, que é como se fosse uma espécie de um sintoma, da pessoa que quer se passar pelo outro, não é? Bom, aí tem esse livro, que vai... Tá pronto.

Nesse livro eu faço essa brincadeira da paródia do Madame Bovary que tem no Quincas Borba, é um ensaio. Depois tem um ensaio sobre o samba. Tem vários ensaios, que acho que são um pouco sobre o Brasil.

E, nesse livro, o último capítulo, são ensaios sobre vários temas, e o último capítulo é uma narrativa, consentida pela pessoa, de um percurso psicanalítico que eu fiz entre 2006 e 2011 na Escola Nacional Florestan Fernandes do MST. Essa é uma história... O começo foi muito engraçado...

A Escola Nacional Florestan Fernandes é uma escola em que os militantes e as lideranças do MST vêm do Brasil inteiro, lá tem alojamentos, tem refeitório, tem comida, tem tudo... pra fazer cursos... O MST prepara muito bem a sua militância. Muito bem! Pra vocês terem uma ideia, não tem analfabetismo no MST, a não ser, como foi o caso desse meu paciente que tem esse estudo de caso dele, quando a pessoa não consegue se alfabetizar, raramente, quando a pessoa já tem uma inibição, a pessoa já tá mais velha e não consegue. Mas em todos os acampamentos do MST, em todos os acampamentos de beira de estrada ou de conquistar terra, sempre vai uma brigada lá de saúde e educação e alfabetiza todo mundo.

[01:05:20] Então não tem analfabetismo lá dentro. E essa escola nacional, que foi feita com dinheiro de uma ONG holandesa e de uma venda de fotos do Sebastião Salgado, que é um apoiador forte do movimento. E na época ele doou fotos pra serem vendidas, enfim.

E foi inaugurada em 2005 essa escola. E eu fui chamada lá junto com o Paulo Arantes, por causa dessa antiga pesquisa sobre a TV Globo, pra falar da televisão, porque os cursos deles – têm cursos longos, que pessoas vêm de todos os estados e ficam três meses ali na escola alojadas estudando um tema ou outro, e tem conferências esporádicas dentro desses cursos pra quem quiser.

E eu fui fazer uma conferência sobre a televisão, sobre a história da Globo, que tinha sido minha pesquisa lá atrás. E, bom, quando acabou, tiveram perguntas sobre a televisão, sobre alienação... Enfim... E no fim uma dirigente da escola



PSICANALISTAS QUE FALAM

perguntou: "Ah, mas a senhora também é psicanalista, no que que a psicanálise pode ajudar a militância?". E eu disse: "Olha, a psicanálise não é uma teoria da militância – aliás, o Freud era muito desconfiado em relação aos engajamentos militantes, tudo bem que ele viu nascer o nazismo, né, então a psicologia das massas pra ele era uma coisa muito negativa – mas aí eu brinquei, eu falei: "Bom, tem muito militante neurótico, porque tem neurótico em todo mundo, por que é que não haveria de ter aqui? E a psicanálise pode ajudar a tratar essas pessoas". Aí todo mundo riu e acabou o debate e quando eu saí da sala tinha três pessoas da liderança dizendo: "Quando é que a senhora pode começar?". Assim, de cara. E aí eu disse: "Bom, semana que vem".

Então em 2006 até 2011, porque 2012 começou a Comissão da Verdade, eu quinzenalmente ia...

É em Guararema, você pega um ônibus, desce na estrada, atravessa um viaduto, anda um quilômetro e tá nesse lugar lindo, muito bem cuidado, onde os próprios alunos se revezam... Não tem empregados... Os próprios alunos se revezam: a brigada da cozinha, a brigada da arrumação, a brigada da lavagem de roupa – roupa, em geral, cada um lava a sua, mas das lavagens de coisas comuns. Enfim, é tudo muito horizontalizado e eu atendi pacientes lá, até 2011 quando terminou o ano, no ano seguinte começou a Comissão da Verdade e eu não pude mais ir.

Foi muito interessante! Evidente que a neurose é... A estrutura é a mesma pra qualquer sujeito, mas o sintoma, as histórias de vida e, principalmente, a psicanálise em terra virgem, digamos assim, porque nós urbanos, universitários, enfim, de classe média, com alguma instrução, mesmo quem não é psicanalista, todo mundo já ouviu falar um pouco do que é psicanálise.

Então vocês já devem ter percebido que o nosso trabalho, nem sempre, mas com muita frequência tem um primeiro momento em que a resistência se apresenta como se fosse cumplicidade, não é? Então a pessoa já chega falando o jargão, já chega dizendo "Meu Édipo é muito forte", ou qualquer bobagem dessas, em que parece então que ela tá muito a favor da análise, mas ela mesmo não percebe que essa intelectualização, essa coisa de falar, tentar falar a linguagem do analista é uma resistência.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Lá não. O MST, isso é importante dizer, é um movimento, evidentemente, mergulhado na classe mais desfavorecida no Brasil que são os pobres que foram expulsos das terras, quer dizer, nem têm inserção urbana direito. Estão chegando nas favelas, digamos assim. E perderam um lastro cultural, perderam muita coisa. E o alcoolismo é a doença do pobre no Brasil. Hoje em dia a droga tá entrando cada vez mais, mas o alcoolismo é o modo de sofrer mais comum entre os mais pobres. Não é que não exista na classe média ou em outras, mas é o modo de sofrer. E o MST tem uma coisa muito bonita, eles têm convênio com algumas entidades religiosas, dessas que internam, então eles tratam os alcoolistas, eles não podem abrigar os drogados, os drogados eles são obrigados a expulsar, porque como a droga é ilegal e eles já são um movimento na margem da lei, se eles começam a abrigar os drogados, aí eles dão pretexto pra repressão, então... às vezes até eles abrigam, depois eles vêm que o cara voltou a se drogar e eles expulsam. É uma coisa dolorosa até pra eles mesmos, porque a militância tem uma coisa de solidariedade. Mas alcoolismo não.

[01:10:25] Então o primeiro paciente que eu tive ele tinha acabado de voltar de uma internação, e ele veio justamente porque, já que tinha uma psicóloga, ele tava voltando da internação pra ver se não recaía no álcool – esse homem nunca recaiu, eu acompanhei mesmo depois dos seis anos de análise que ele fez. E ele tinha uma questão: como ele não conseguiu se alfabetizar, ele nunca era enviado pra missões do MST fora de lá. Ele trabalhava na horta, trabalhava com os porcos, com as galinhas, ele era o... Embora o MST não queira ter esse tipo de estratificação, mas era o que ele podia e sabia fazer. E ele dizia que gostava muito disso, tava muito bem com isso. E só pra contar o comecinho disso, que foi muito interessante isso, ele entrou, sentou e, como se ele tivesse diante de um posto de saúde, desses médicos que ouvem três frases e prescrevem um remédio, ele disse assim – ele foi o único que me chamou de "doutora" até o fim:

"Doutora, eu bebi muito, meu problema é que eu bebi muito. Eu bebi tanto que as coisas começaram a falar comigo. O mato falava comigo, aquela cerca falava comigo, o poste falava comigo. Aí eu fiquei desesperado, comecei a rolar pelo chão de desespero. Aí os companheiros me internaram. E aí lá eu parei de beber e eu tô aqui pra não beber de novo". E parou. Parou. Porque posto de saúde é isso, né? Você fala isso e o cara... Daí eu falei: "Que é que eu vou fazer, né?. Aí eu falei pra ele: "Sabe qual é o seu problema? Você bebeu muito e eu



PSICANALISTAS QUE FALAM

acho que as ideias desencaixaram da sua cabeça, então o mato que falava com você, o poste que falava com você, eram suas ideias, eram seus pensamentos, só que você ouvia eles desencaixados da sua cabeça. Então pra eles voltarem pra você, você vai ter que falar muito aqui, pros seus pensamentos irem ficando seus de novo". E ele entendeu perfeitamente, foi uma análise linda! Mérito dele.

Assim... E aí, o começo, é muito... A primeira história da pobreza brasileira mais óbvia é: quando sofre, bebe. A segunda – não de todo mundo, mas muito comum também: quando ele começou a me contar, a história dele, eu fiquei confusa porque tinha quatro mães. Primeira: a mãe de barriga, morreu no parto. Não, não, a mãe de barriga, a mãe verdadeira, morreu no parto. Aí ele foi dado pra vó paterna – talvez a materna já tivesse morrido. Essa chama-se "mãe de barriga", que ficou com ele. Aí ficou velhinha, velhinha, velhinha, não conseguia mais cuidar dele, veio uma tia... Não, veio a primeira mulher do pai, o pai casou de novo e então ele foi dado pra primeira mulher do pai que não conseguia ter filhos. E aí a primeira mulher do pai também morreu e ele acabou de ser criado, até os onze anos, pela segunda mulher do pai. E aos onze anos ele começou a beber. E aos onze anos ele começou a beber... E aí ele morava em Iguatu do Ceará, naquela cidade do *Céu de Suely*, o filme do Karim Aïnouz. E aí um tio veio pra Cajamar, trabalhar em alguma obra, chamou ele pra vir também, a família muito pobre, os pais acharam bom, o pai achou bom esse filho vir e começar a trabalhar desde cedo. E eu não me lembro qual foi a situação que aconteceu, aí ele ficou um tempo trabalhando, cresceu ali. O tio foi embora e ele não sabia voltar, porque ele era analfabeto. E ele não sabia voltar. E ele já bebia e aí ele começou a beber muito. Ficou sozinho, numa cabaninha, meio adolescentão, e não sabia voltar. Eu não me lembro se o tio morreu, eu não me lembro o que aconteceu com esse tio. Bom...

Aí a análise foi toda a história dele, a história do alcoolismo... Ele tinha acabado de voltar dessa internação e ele tava com medo de voltar a beber. E os sonhos que ele começou... Ele tinha pesadelo, ele sempre me trazia os pesadelos. E todos os pesadelos eram a metáfora do alcoolismo. Por exemplo: "Eu sonhei que eu tava pegando fogo" - "Ah, você sonhou que você tava de fogo". "Eu sonhei que eu tinha caído numa água" - "Você sonhou que você tava numa água, né?". Eram todos metáforas do alcoolismo.



PSICANALISTAS QUE FALAM

[01:15:10] E ele falava muito do pai, da saudade que ele tinha, de vez em quando ele sonhava com o pai, acordava muito triste e vinha chorando pra análise. E eu falei: "Nós vamos achar sua família!". Porque ele não sabia nada, ele só sabia que era Iguatu – Ceará. Aí eu fiz uma intervenção que não era analítica, mas é terapêutica, eu falei: "Tem uma rádio na sua cidade?". Porque eu sei que as rádios do interior têm aquela sessão de dar recados, né? Ele falou: "Deve ter". E eu falei: "Então procura". Tinha uma menina ali que gostava muito dele, também trabalhava na escola, que sabia procurar coisas na internet. "Então procura o endereço da rádio da sua cidade". Daí ele achou o endereço da rádio. Então agora você vai escrever uma carta pro seu pai. Aí ele ditou a carta: "Meu pai, sou seu filho Manoel, tô vivo, eu tô bem, tenho saudades...". Fez uma carta. Botou a carta no envelope e botou um outro bilhete: "Ao fulano de tal, por favor leia essa carta". Não: "Diga pro Seu José, da rua de baixo". Era tudo que ele sabia: "Zé da Guarda da rua de baixo". Era tudo que ele sabia do pai dele. "Seu Zé da Guarda da rua de baixo, que o filho dele mandou uma carta, pra ele vir buscar". Mandou a carta pra rádio, passou... Ah, e mandou o telefone da escola. Dois meses depois ligam na escola, uma irmã dele e ele refez contato com a família. E ele conseguiu ir lá, aí encorajado, porque aí ele já sabia e aí uma menina botou ele no ônibus, falou: "Toda vez que você parar num posto, vai atrás dele porque ele não sabe ler". E ele foi, passou um tempo lá. E foi muito interessante, porque depois que ele passou um tempo lá, no ano seguinte o pai dele morreu, então foi muito bom ele ter ido. Enfim, foi um trabalho...

Eu atendi muito mais pessoas, atendi muita gente... Inclusive tinha momentos interessantes que eram fins de semana que tinham... Eu me lembro no fim de semana que era um curso para os movimentos latino-americanos, então nós todos, né, Heidi, temos um bom portunhol, quer dizer, você é melhor porque você foi casada com argentino, mas todo mundo que conheceu todos os argentinos que vieram pra cá têm um bom portunhol, né? Então nós... Eu atendi várias pessoas, com meu portunhol: de São Salvador, da Argentina, do Uruguai, do Paraguai, da Bolívia, enfim, de tudo quanto é lugar... Mas também foi um dia só. Aquelas coisas só pra desangustiar as pessoas de casa... Enfim, foi um trabalho que só parou porque começou a Comissão da Verdade.

Então agora, último capítulo:



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

2012. Estava eu posta em sossego, no meu consultório, quando liga a Dodora e diz: "Você foi escolhida pra Comissão da Verdade". E eu fiquei completamente incrédula.

Primeiro lugar incrédula, eu mal sabia... Quer dizer, naquele momento ainda eram rumores de que a Dilma, que é a primeira vez que o Brasil tem uma presidente mulher, mas mais do que isso...

Uma vez a *Carta Capital* me pediu pra escrever um artigo sobre o Brasil ter sua primeira presidente mulher e eu disse: "Isso é muito importante, mas mais importante é o Brasil ter na presidência uma pessoa que há 30 anos atrás estava num pau de arara, 40 anos atrás tava num pau de arara sendo torturada e lutando por essas – por uma parte dessas melhorias – que o Brasil nos governos petistas conquistou". Isso pra mim era emocionantíssimo.

Eu chorei muito no discurso da posse da Dilma. Eu tava na... O meu último tio que ainda estava vivo, meu padrinho, que era um homem de esquerda – ele era militar e virou de esquerda, largou o exército, virou linha PCdoB, mas de esquerda e foi até o fim. Uma vez eu levei pra ele um autógrafo do Lula, ele fez um quadrinho. E eu tava lá na casa dele quando ela tomou posse. Todo mundo emocionado.

Enfim, mais importante pra mim do que ela ter sido uma presidente mulher, que eu acho muito importante, é ela ter sido uma militante não só contra a ditadura, de uma organização que queria diminuir a desigualdade no Brasil, aumentar a justiça social como tava sendo feito. Então eu tinha uma enorme admiração pela presidente Dilma. Ainda tenho, claro! E ainda por cima essa presidente conseguiu fazer uma Comissão da Verdade! Conseguiu aprovar! Precisava vontade política, ninguém teve antes dela, nem o Lula, pra aprovar uma Comissão da Verdade. E quando eu soube que eu tinha sido escolhida, assim, realmente foi quase como se: alguém me jogou pro ar, me deu uma cambalhota e eu caí de novo no mesmo lugar, mas eu já tinha sido jogada pro ar. Sabe que nem quando você faz com criança: "Tchup". E caí no mesmo lugar.

[01:20:16] Bom, fui lá... Primeiro encontro que nós tivemos, fomos todos a Brasília e, durante a tarde, a Dilma nos recebeu no Planalto um por um, individual: Zé Carlos, Paulo Sérgio Pinheiro, Zé Paulo Cavalcante, Claudio Fonteles, Rosa,



PSICANALISTAS QUE FALAM

Gilson Dipp e eu. E foi um amor, chegou e me abraçou, fofa, literalmente uma fofa! Bem-humorada! Tudo que ela provavelmente no posto era tensa – provavelmente qualquer uma de nós seria – ela pessoalmente era uma pessoa legal e, principalmente, com muita vontade de falar bobagem e dar risada. Isso eu adorei.

E aí eu perguntei: "Eu tenho uma pergunta só: presidente, por que eu?". E ela disse: "Porque eu gosto do que você escreve". E ela tinha lido um texto, que eu nem lembrava mais, porque foi uma coisa pequena, um prefácio que o Arthur Nestrovski pediu pra eu escrever quando ele tinha uma coleção chamada Lazuli, da ópera Salomé do Oscar Wilde. E eu tinha feito... E ela gosta de ópera, tinha lido esse livro, tinha lido esse prefácio e: "Porque eu gosto do que você escreve".

Pra mim foi, assim, eu saí de lá eu tava andando a um centímetro do chão de honrada.

E o mais legal foi o seguinte: nessa noite nós tivemos um jantar no Alvorada – isso eu faço questão de dizer, porque realmente a imagem pouca que eu tenho da Dilma não tem nada a ver com a durona. E nessa noite, esse jantar, começou um pouco protocolar, aquela coisa, e o gelo foi quebrando e foi ficando uma conversa divertida e uma hora – não me lembro de onde veio a conversa – e ela disse: "Vocês não sabem como é difícil morar aqui, porque eu fico lá em cima, numa ala que tem o meu quarto e o da minha mãe, isolada e se eu quero um chá na madrugada eu tenho que chamar o cerimonial e eu tenho que esperar o cerimonial, eu tenho que acordar um pobre coitado do cerimonial. O resultado é que eu não tomo chá", ela dizia. Porque se não tem que ir alguém, daí tem que vir me servir com todos os rapapés e aí eu brinquei e falei: "Presidente, esconde um fogareirinho embaixo da cama e aí no meio da noite você faz o chá". E ela falou: "É, mas se sair uma fumacinha pela janela é capaz de vir bombeiro, exército, guarda nacional, todo mundo"... A conversa era desse naipe, assim. Claro, conversou-se a sério sobre a Comissão da Verdade e tudo o mais, mas...

Então... Eu tenho dela uma lembrança... E mais uma coisa, o dia da entrega do relatório – depois eu vou contar o trabalho – o dia da entrega do relatório, foi um dez de dezembro, que é o meu aniversário, por acaso, e que pra honra minha, eu não tenho nenhum mérito nisso, é o Dia Internacional dos Direitos Humanos. tem o dia 24 de março, que é um dia e o dia dez de dezembro é outro, são dois



PSICANALISTAS QUE FALAM

dias que têm a ver com direitos humanos. E ela no dia do meu aniversário que foi o dia que a gente entregou o relatório, ela me deu um abraço e falou: "Parabéns, feliz aniversário". Tudo bem, presidente deve ter todo dia, o cerimonial deve entregar de quem ela tem que cumprimentar, é protocolo e tudo, mas eu não esperava. Me deu um abraço apertado, de amiga...

A coisa que eu mais quero é descobrir onde ela mora e ir visitar ela e andar na praia e dar risada no Rio de Janeiro, porque agora ela é... Agora ela é a Dilma, né? Agora ela é uma pessoa de quem eu quero ser amiga, e não acho que seja uma pretensão exagerada porque ela tá ali, um ser humano... Como disse o Freud sobre o Einstein: "Um pobre diabo como todos nós", então gostaria de ser amiga dela.

A Comissão da Verdade. Por um lado: que bom que, finalmente, uma presidente, que foi torturada, conseguiu aprovar uma Comissão da Verdade. Mas, que pena que demorou 30 anos.

27 anos acho, a ditadura acaba em 85, a Comissão vem em 2012. E que pena que a nossa ditadura acabou, aí em 79, porque em 85 vem a primeira eleição direta, né? Em 79 que acaba a ditadura, eu errei nas datas.

Que pena que em 79, até por pressão dos familiares de presos políticos que queriam soltar logo os seus familiares que estavam alguns quase morrendo nas cadeias, doentes etc e torturados, que pena que nós tivemos uma anistia pros dois lados. Por dois motivos: um é que se criou a famosa teoria dos dois lados, que é uma teoria fascista, não é?

[01:25:15] E que muita gente... Quando eu tava na Comissão da Verdade, claro, a gente aparecia muito na televisão, a Globo teve pelo menos essa decência de cobrir alguma... Quando o Jango, o corpo do Jango veio pra ser enterrado em Brasília, algumas reuniões mais importantes que a gente fazia, alguns momentos aparecia, nós aparecíamos no Jornal Nacional. Então eu me lembro uma vez que eu tava no ponto de ônibus no Rio – esqueci de dizer que eu sou militante da causa sem carro, bom, mas isso é um detalhe. Eu tava num ponto de ônibus no Rio e um cara me abordou: "Ah, eu já te vi na televisão, você é da Comissão da Verdade...". Eu toda contente – oba, as pessoas estão se politizando: "Sou, sou sim". "E o outro lado, vocês não vão investigar?". "Que outro



PSICANALISTAS QUE FALAM

lado?". "O outro lado, o lado das pessoas que os militantes mataram. Eu falei: "Olha, foram três pessoas, acho que não tinha que ter matado ninguém, não sou a favor de nenhum tipo de assassinato, mas já foram investigados, meu caro, são públicos, essas pessoas já foram presas, todas foram torturadas: as que mataram, as que não mataram, as que não fizeram nada, morreram 340 e tantas, tem 142 desaparecidas ainda, não tem outro lado".

"Ah, porque...". Aí as pessoas perdem a razão, meu ônibus chegou: "tchau".

Mas isso me aconteceu umas três ou quatro vezes, a pessoa começa a puxar conversa, você acha que a pessoa tá interessada e: "E o outro lado?".

E mexer nesse vespeiro pro Brasil acostumado com o jeitinho, com o "deixa disso", com "não vamos falar naquilo que incomoda", foi tão pesado que eu acho que não foi à toa que nas passeatas contra a Dilma havia um ou outro, é pouco, mas nós que somos psicanalistas sabemos que os sintomas às vezes se manifestam num detalhinho, não é – pedindo intervenção militar.

Quer dizer, como que de tanto ouvir falar de ditadura, de tortura, algumas pessoas acharam: "Ah, intervenção militar vai botar ordem nisso aqui!".

Como se durante a ditadura não tivesse corrupção, o que não tinha era imprensa livre.

Como se as estatais não tivessem enriquecido um monte de gente...

Só que não se sabia de nada, não se sabia da tortura, como é que ia-se saber do dinheiro desviado? Então essa foi a parte, assim, eu tô fazendo só uma análise...

A consequência da Comissão da Verdade foi muito mais negativa do que positiva, não houve passeatas dizendo, exigindo... Os mesmos familiares de sempre, mas não houve 40 mil pessoas dizendo: "Onde estão os nossos desaparecidos políticos". Houve passeatas contra a Dilma e gente pedindo intervenção militar.

Bom...

Agora eu vou contar da Comissão. Eu escolhi o tema dos camponeses, justamente por causa da minha relação com o MST. E porque os meus colegas



PSICANALISTAS QUE FALAM

todos foram advogados de presos políticos, então evidentemente o tema dos mortos e desaparecidos militantes já era deles. Eu nem tentei disputar. Inclusive eles já tinham meio caminho andado, coisa que eu não teria. Então eu escolhi camponeses. E por uma ignorância de quem fez a lei, como se fosse uma nota de rodapé, no mesmo pacote dos camponeses vinham os índios. Eu digo ignorância porque a causa dos índios era gigantesca, não era uma nota de rodapé da investigação dos camponeses. Então eu fiquei com duas investigações muito difíceis.

Primeiro porque eu tinha que viajar pra um monte de lugar no Brasil, mantendo consultório. E segundo que as regiões indígenas são mais longe. Não é só que você vai, pega um avião... Porque, claro, a gente fez audiências públicas em muitas capitais em relação aos mortos e desaparecidos. E em muitas eu fui também. Quando eu não tava em terra indígena ou em pesquisa camponesa eu fui também. Então a gente fez no Rio Grande do Sul, a gente fez em Minas Gerais, a gente fez em Marabá, a gente fez em Goiás... Teve em muitos lugares, foi muito bacana. E o Pedro Dallari, principalmente quando ele pegou a coordenação, deu uma dinamizada espetacular. E eu, além disso, além do consultório e além das reuniões em Brasília, que eram muito desgastantes, porque tinha muita disputa interna, infelizmente. Todo mundo tão adulto já, né? E, além disso, eu tinha que ir pra terra indígena.

Então eu tenho que falar dessa experiência de uma forma muito dividida num certo sentido, que é o seguinte: eu não me dava conta do sofrimento que foi, durante dois anos e meio, atender de 3a à tarde até 6a ao meio-dia, pegar um avião 6a, sei lá, três da tarde, ir pra algum lugar perto de terra indígena, no dia seguinte pegar um carro, ir pra uma aldeia, entrevistar as pessoas... Eu anotava porque eu, sabia que não ia nunca dar tempo de gravar e regravar, então no caderninho, ali, ouvir, ouvir, ouvir, ouvir... No domingo ir pra Brasília, fazer reunião em Brasília o dia inteiro, na 3a fazer reunião de manhã com meu grupo de pesquisa, e quase que eu aterrissava na minha cadeira do consultório às três da tarde pra atender sete pacientes e daí 4a, 5a, 6a de manhã e saía de novo...

[01:30:43] Bom, teve um custo pra mim, quase grave, mas felizmente não foi, que em 2015 eu tive uma pane de memória grave. Meus amigos um dia se reuniram e me chamaram pra jantar e falaram: "Rita, você não tá percebendo?". Eu esquecia completamente compromisso de hoje pra amanhã, eu esquecia... E



PSICANALISTAS QUE FALAM

com paciente! Eu perdi três pacientes que tinham recém-chegado e que vinham pra entrevista, quando voltavam começando a análise contavam alguma coisa que era continuação da entrevista e eu não sabia do que eles estavam falando. Eu perdi a memória recente. Foi terrível, posso falar disso com calma porque descansei, fiz alguns tratamentos, acupuntura etc e recuperei, mas aí ficou muito claro que era o desgaste. Foi um desgaste, mas foi maravilhoso!

Então tem isso: foi pesadíssimo, foi sofridíssimo, mas foi maravilhoso! E, principalmente...

Camponeses. Primeira viagem que eu fui foi pro Araguaia. Fiz duas viagens pro Araguaia. Lá pra Xambioá, pra São Domingos... Claro, a gente ficava ali tentando ver aquele pessoal, familiares dos mortos desaparecidos, que desde o Fernando Henrique, desde os anos 90 estão procurando os restos mortais dos seus parentes no Araguaia e não acham. Mas continua.

Então a gente vai lá, tem que ir até o cemitério, ver as pessoas cavando, todo túmulo que não tem identificação, aí indo lá, enfim... O único desaparecido político que foi encontrado, foi encontrado, fico até emocionada, pelo nosso querido Daniel Lerner, que ele se ofereceu pra ser... Quando ele trouxe o avô dele pra dar um depoimento, foi o único depoimento, Heidi, do seu pai, da ditadura de Getúlio – que também tava contemplada, mas a gente não teve tempo, a gente ficou concentrado na ditadura mais recente.

Daniel primeiro veio acompanhar o avô e depois falou: "Eu quero trabalhar nesse troço" (risos). E entrou. E nem era pra investigar, ele ficava lotado em Brasília. Ele nem era investigador. Eu não lembro qual era a função, sinceramente não lembro, porque ele fez uma coisa tão mais importante que a função dele ali... Ele descobriu, foi ao cemitério de Brasília, eu não lembro quem descobriu se tinha túmulos anônimos, se tinha... E aí ele foi investigar se tinha gente que morreu em Brasília... Ele descobriu uma conexão. Ele, essa investigação foi dele, não foi de nenhum dos comissionados! Chamou os familiares, do Maranhão, de um outro movimento, porque a gente conhecia o movimento do Manoel da Conceição, Pindaré-Mirim, que foi um movimento pela terra importante.

O Manoel da Conceição veio, nós entrevistamos ele, ele esteve preso, foi torturado durante... Foi uma coisa linda, o Sarney era governador do Maranhão e,



PSICANALISTAS QUE FALAM

como ele era ligado ao movimento de igrejas quando ele foi torturado, houve muito protesto, inclusive desde a Europa, desse movimento de igrejas grande, e aí o Sarney quando ele já tinha sido solto, disse que queria visitá-lo e ele disse: "Não aceito, foi o senhor que roubou minha perna, não aceito". Não aceitou. O governador tentando ali ficar bem na fita e ele não aceitou. Foi muito legal entrevistar o Manoel da Conceição.

Mas o Daniel descobriu um outro líder de um outro pequeno movimento – acho que era de Goiás – que foi torturado e... Aí os familiares vieram, os sobrinhos-netos, porque esse cara morreu jovem, então foi o irmão dele que casou e teve filho e o sobrinho ou sobrinho-neto, não me lembro... E fizeram o DNA... Então um desaparecido político foi encontrado pelo nosso querido Daniel.

E de resto: ninguém entregou nada! Ninguém entregou nada. Isso foi muito triste.

E, ainda por cima, eu chamei a única historiadora da Comissão da Verdade que foi a Heloísa Starling, uma excelente historiadora da UFMG, que já tinha feito um trabalho – ela já tinha feito, lá na UFMG – um trabalho de recuperação da memória dos desaparecidos políticos, não de investigação, um site pro Paulinho Vanucci, quando o Paulinho Vanucci tava no Ministério dos Direitos Humanos. Tem um monumento lindo feito em BH também pros desaparecidos políticos... Então chamei a Heloísa.

[01:35:25] E a Heloísa chamou uma equipe de jornalistas pra trabalhar com ela e esses jornalistas conseguiram entrar nos arquivos do CENIMAR e nesses arquivos do CENIMAR eles encontraram documentos em que vários desaparecidos políticos foram mortos no CENIMAR. Não conseguiram encontrar as pessoas, mas conseguiram saber onde foram mortos muitos desaparecidos. Tá escrito: "pessoa morta", "preso no CENIMAR: pessoa morta".

E por uma ciúmeira interna – e eu vou dizer porque eu não tenho porque preservar essa pessoa – o Claudio Fontelles, que não saía da casa dele em Brasília pra ir pra lugar nenhum. Eu fui pro Araguaia pra entrevistar os camponeses e ele que tinha que investigar os desaparecidos da militância nunca saiu da piscina dele pra ir pro Araguaia. Eu não tinha que investigar isso, eu tinha que investigar os camponeses. E depois ainda foi fazer uma fofuquinha de que eu não me



PSICANALISTAS QUE FALAM

interessei pelos militantes. Resultado: os familiares dos militantes começaram a me olhar feio até eu conseguir esclarecer o que é que tinha... Eu falei: "Gente, eu tava pesquisando os camponeses e os índios, não era pouca coisa... Bom, enfim, e daí o Claudio Fontelles veio fazer uma denúncia de que a Heloísa Starling tinha cobrado... Tinha conseguido do MEC, nem foi dinheiro da Comissão, tava o Aloísio Mercadante no MEC, uma verba de 60 mil reais pra produzir essa folhinha de papel que era o que o pessoal tinha começado a achar no CENIMAR. Não tinha nada disso, a equipe que ia ganhar seis mil reais por mês, que não é muita coisa, durante não sei quantos meses, então 60 mil reais pra cada um eram dez meses de trabalho, tinha começado a trabalhar e já tinha achado uma primeira coisa que ele, Claudio Fontelles, não tinha nem passado perto do CENIMAR. Então, aí o Paulo Sérgio Pinheiro defendeu a Heloísa, assim, com veemência. E o Claudio Fontelles falou: "Então eu renuncio". E ninguém falou nada. Ninguém disse: "Não, por favor...". Ficou todo mundo assim: "Ah, é?". E nas redes sociais onde ele vivia fazendo propaganda de si mesmo também não teve... Eu acho que ele imaginou que ia dar uma de Jânio, quer dizer, dar uma de Jânio que também renunciou e ninguém falou nada, mas, enfim... Fazer essa jogada...

E aí entrou o maravilhoso Pedro Dallari. Demorou, nós ficamos um tempo... Ah, e o Gilson Dipp que ficou doente, nunca mais voltou pra Comissão e nunca mais tirou o nome dele, o que eu acho muito feio. Porque, ele ficar doente e não voltar é totalmente compreensível, mas então tira o nome, porque como é uma Comissão de Estado, nós não podíamos substituir o Gilson Dipp, só se ele dissesse: "Olha, gente, eu não vou conseguir voltar". Mas ele ficou com a honraria de ter o nome no relatório e não liberou a vaga, então nós ficamos com seis.

Mas, pelo menos, no lugar do Claudio Fontelles veio o Pedro Dallari. E o Pedro Dallari, além de ter sido um ótimo coordenador, *el pacificador*... O Zé Carlos Dias já era pacificador, já foi muito boa também a coordenação dele... Não, eu acho que quando saiu... Não, depois da Rosa foi o Zé Carlos Dias... O Zé Carlos Dias é um querido, adorável, muito sério, muito honesto, muito generoso, gosto muito dele! Gosto de todos, mas dele particularmente. E o Pedro Dallari... Do Paulo Sérgio Pinheiro também gosto muito.

E o Pedro Dallari quando veio... Primeiro: filho de um advogado militante de direitos humanos que foi sequestrado junto com o Dom Adriano Hipólito e



PSICANALISTAS QUE FALAM

jogado depois na estrada. Quer dizer, ele já tem uma história ali, ele devia ser criancinha, não sei se ele já tinha nascido... E, enfim... Com muito gás novo!

E o Pedro Dallari inventou alguns dispositivos que salvaram a Comissão de ser uma Comissão inócua, porque ninguém disse nada mesmo. Ninguém! E teve um coronel que falou, o tal de Malhões, e foi assassinado. Então nunca mais ninguém falou. A gente convocava, eles eram obrigados a vir, e eles só diziam: "Nada a declarar", "nada a declarar". Tinha um que até falava meio rindo, meio, assim, com cara de deboche: "nada a declarar". E a gente não podia fazer nada com isso, né?

Bom, então ele teve uma ideia muito boa. Primeiro ele mandou um ofício para as três armas: Exército, Marinha e Aeronáutica, como se fosse um ofício administrativo, perguntando – Comissão da Verdade, gente, com poderes da presidência da república, mandou pros ministros de um governo democrático, de esquerda – se houve desvio de função em instalações da Marinha, do Exército e da Aeronáutica. Resposta: "Não. Nenhum desvio de função". "Ah, é? Então tá".

[01:40:20] Então, outra ideia do Pedro, então nós vamos visitar essas instalações com ex-presos. E eles não podiam dizer que não. Então era, ao mesmo tempo, três coisas: um, era constrangedor, porque você chegava, por exemplo, primeiro lugar que a gente foi, Base Aérea do Galeão, onde o Stuart foi morto e outras pessoas. Base Aérea do Galeão. A gente ia com outros presos. Recebidos com honras... Porque nós éramos uma Comissão da Presidência. Recebidos... Cafezinho, projeção de slides pra mostrar como é hoje em dia... Não nos interessava a mínima... A gestão da Base Aérea, parará...

Então: "Podemos começar?". "Podemos". Os militares atuais – jovens, mais jovens que nós, que talvez nem soubessem de tudo, nos acompanhando e as pessoas dizendo: "Aqui tinha uma cela, agora é um almoxarifado, mas aqui era uma cela, eu fiquei presa aqui.". "Aqui tinha uma segunda cela. Ué, esse lugar aqui tá fechado, o que que tem aqui?". "Não, aqui não tem nada, derrubaram aqui". "Ah, tá". "Ali eu fiquei e eu ouvi o Stuart gritar, eu ouvi ele ser arrastado". Várias pessoas, não era uma dizendo, várias contando. "Até ouvir a voz do capitão fulano, que a gente sabe que era dele, a gente conhecia a voz dele, ele torturava a gente também, dizer: 'Esse aí já era'". Então foram situações assim. A gente foi na Base Aérea do Galeão, a gente foi na Ilha das Flores, no Rio, que é outro lugar



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

da Marinha, tem uma base aérea. A gente foi num quartel em Minas Gerais. A gente foi numa delegacia em Recife... Só não foi no Doi-CODI aqui de São Paulo que não existe mais. Mas fomos em vários lugares assim.

Então foi possível colocar no relatório não a prova no sentido de: "Está aqui o documento", mas os depoimentos de todas essas pessoas.

Então a Comissão da Verdade pôde afirmar que uma parte desses desaparecidos políticos nós sabemos em que circunstâncias foram mortos. Nós não encontramos os corpos, mas sabemos em que circunstâncias foram mortos. E isso no relatório talvez tenha sido a coisa mais importante.

Bom, e eu? Ainda dá pra falar um pouco? Dos índios e dos camponeses? (...) Tá. Não, e ainda quero falar da pesquisa indígena.

A pesquisa camponesa eu... De onde houve mortes eu fui pra dois lugares, eu fui pra Imperatriz, falar com o Manoel da Conceição, que era esse líder que o Sarney prendeu e torturou. E fui pro Araguaia, pra ouvir todos – não pra ouvir os familiares, não pra ajudar na pesquisa dos familiares que estavam procurando os militantes urbanos mas que... Então esses movimentos, o movimento no Araguaia era considerado movimento da militância urbana, só que eles quiseram, tentaram implantar uma guerrilha no Araguaia, mas eles estão investigados com os militantes urbanos. E eu fui entrevistar os camponeses do Araguaia, que foram muito torturados pra dizer onde estavam os guerrilheiros. E alguns morreram, alguns estão sequelados... Um deles teve um derrame, tem dificuldade de falar, a mulher dele tem que ficar traduzindo o que ele fala... Ele fala, tem memória e tudo, mas...

Bom... E tinha uma coisa muito comovente ali, que tem a ver com a bravura natural – natural não, cultural, do camponês, que, principalmente naquela época... Quer dizer, uma vida muito dura, muito isolada, tendo que enfrentar uma série de perigos, ser camponês nos anos 60, imagina, tinha até onça! Não era uma vidinha fácil. E, em algum momento na tortura, um deles, quando começaram a apanhar: "Onde estão os terroristas?", "Onde estão os terroristas?". Um deles disse: "Eu não conheço nenhum terrorista, quem tá tocando o terror aqui são vocês". E provavelmente entre eles, um contou pro outro, que contou pro outro e eles passaram a responder assim ao torturador, que é uma coisa muito linda pra mim.



PSICANALISTAS QUE FALAM

Primeiro: da bravura deles e segundo de como é a cultura oral entre essas populações analfabetas porque isso corre de boca em boca, e todos passaram a responder assim. Sabendo que respondendo assim eles iam apanhar mais, evidente! E apanhavam mais, mas eles respondiam assim.

[01:45:05] Então eu tenho todos os depoimentos dos camponeses do Araguaia ou dos parentes de camponeses que foram mortos.

E indígenas. Indígenas eu não sabia nada! Eu comecei a lembrar que nos anos 70, quando a ditadura já tava um pouquinho, quer dizer, não no começo dos anos 70 que foi o pior período, né, Medici, mas pro fim dos anos 70 vocês devem lembrar que algumas pessoas tinham aqueles plásticos nos carros pelas demarcações das terras indígenas, que pra mim não significava muita coisa... "Ah, tá, claro, sou a favor. Quem vai ser contra?" Mas eu não sabia o que tava acontecendo com as terras indígenas.

Mas o que é que acontece? Nos governos militares teve alguns grandes apoiadores entre os empresários, vocês sabem disso, né? Tanto que a Operação Bandeirantes foi criada em parte com o dinheiro de empresários. Esses empresários ganharam terra do governo. Vocês lembram dessa coisa: "Fazenda Bamerindus", "Fazenda Volkswagen"? Umas enormes fazendas no Amazônia, de gado, derrubava mata também... Gado... Na época nem era o ciclo da soja ainda, era gado mesmo... Fazenda Bradesco, Fazenda Bamerindus... Qual que era a outra que eu falei agora pouco? Bradesco, Bamerindus, tinha uma outra... Volkswagen... Tinha várias! Bom... Tinha os empresários apoiando e tinha os governos militares dando terra para os seus apoiadores.

Bom, mesmo assim, ainda havia uma lei que pra você doar terra pra uma fazenda – terra devoluta, né, porque era terra sem dono – tinha que ter um atestado negativo de presença indígena. Como é que era feita essa inspeção de presença indígena? Por aerofotometria.

Tentem olhar uma foto aérea da Amazônia, você enxerga o que tá embaixo? Não enxerga! Quer dizer, era uma fraude, você não sabe se tem uma aldeia indígena embaixo.

Então tiravam fotos e falavam: "Não tem índios". E aí dava as terras. Bom, muitas vezes... Tem um depoimento do Davi Yanomami, que é maravilhoso, eu



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

não sei reproduzir ele inteiro, mas eu sei como é que é o começo, quando a gente foi na terra dos Yanomami. Os Yanomamis foram, a terra deles, eles ficam em Roraima... Eram muitas aldeias, porque uma etnia às vezes são muitas aldeias próximas, né? Eram muitas. E eles... No Governo Médici ou Geisel, em 74, já era o Geisel? Não, era o Médici ainda. Abriram uma estrada que era pra fazer ligação com o Peru, eu acho, ali... E que também era uma estrada pra garimpo e desmatamento pra fazer fazenda.

E o Davi Yanamomi dá um depoimento lindo, ele diz: "Eu nem sabia que havia governo. Eu estava na minha nação – pros índios. Eu estava na minha nação. Eu soube do governo porque ele veio chegando, desmatando a nossa terra, acabando com a nossa caça, trazendo epidemia, e matando a gente". Quer dizer, ele soube que ele era brasileiro, num país chamado Brasil dessa forma. O depoimento dele é muito eloquente! Muito eloquente!

Uma outra etnia que tem na Amazônia, que chama os Waimiri Atroari, acontecia isso, eles eram três mil, me parece, isso é aproximado, evidentemente, mas é que tinha um sertanista, chamado Antonio Cotrin, que trabalhava com eles, então sabia mais ou menos quantos eles eram. E tinha um padre também que trabalhava com eles. E quando tentaram passar essa outra BR, que liga...

Então, desculpe, os Yanomami é em Roraima, e a BR174 é que é a dos Waimiri Atroari e que vai por baixo, pelo sul do Estado do Amazonas pra ligar com o Peru.

Quando passou essa estrada... Quando os índios ouviam os barulhos dos tratores, dos motores, eles não sabiam o que era aquele ronco, eles acharam que era um tipo de fera, então eles iam pra beira da estrada com arco e flecha. E eles eram derrubados à bala. E aí tocavam fogo nas aldeias, aí tudo que você pode imaginar. E epidemias!

Esse Antonio Cotrin é um sertanista que a gente entrevistou, eu e o Vincent Carelli que foi quem me acompanhou pra filmar e fotografar, a gente entrevistou em Alagoas, porque em 72, ele tinha 21 anos, ele deu uma entrevista pra Veja, no tempo em que a Veja era uma revista séria, acho que foi pro Beto Ricardo, que publicou a revista, que é do ISA, né? Dizendo que ele saiu da Funai –



PSICANALISTAS QUE FALAM

foi isso, ele deu essa entrevista quando ele se demitiu da Funai, porque vocês têm que pensar que é uma coisa, é um cargo público vitalício e bem pago.

[01:50:10] E ele se demitiu e disse: "Eu não quero ser covheiro de índios". E aí nós fomos entrevistá-lo em Alagoas, e ele disse: "Sim, eu percebi que eu ia nas frentes de atração" – teoricamente então ele tava indo se aproximar dos índios pra tentar evitar o massacre que vinha depois com a estrada, com a fazenda... só que ele disse que ele ia, com um grupo de sertanistas, às vezes um padre, às vezes professores, intérpretes, sei lá... sem vacina... Então ele sabia que ele ia chegar e que ia... Porque desde os Villas-Boas, em 1946, quando os Villas-Bôas entraram nas aldeias do Xingu, já se sabia que os índios não têm resistência para as nossas doenças. Então, na verdade, além desses massacres grandes que houve, dos Waimiri, dos Yanomamis, etc, morreram mais índios de doenças de branco – gripe, catapora... – do que de tiro. Mas a Comissão acusou o Estado Brasileiro.

Porque já se sabia, porque, por exemplo, Cotrim, dizia: "Nós temos que ir vacinados". A Funai era militarizada. E eles não davam a mínima. Era quase que interessante, resolvia um pouco o problema: "Deixa morrer, não fomos nós que matamos, morreram de gripe"...

Então esse Waimiri que eram três mil e quando acabou a passagem da BR174, tinham sobrado tipo 350. E teve um sertanista também, chamado Porfírio Carvalho, ele foi conosco pros Waimiri, o pessoal chama ele de Fidel Castro dos índios, porque ele conseguiu processar o Estado, conseguiu recuperar um bom pedaço de terra pros índios. E conseguiu – porque ali fizeram também a Hidrelétrica de Balbinas, que era uma hidrelétrica que era corrupção, pra quem diz hoje em dia: "Intervenção militar porque não tinha corrupção naquela época", essa hidrelétrica é, claramente, corrupção, porque fizeram lá num lugar que o rio não tinha nem vazão suficiente, então ficou abandonada no meio do caminho. Não lembro, mas acho que era Balbinas, depois se vocês quiserem eu me certifico no relatório. Então esse Porfírio Carvalho processou o Estado, conseguiu as terras, conseguiu dinheiro...

E essas aldeias, os Waimiri Atroari eles são espetaculares, eles fizeram de novo suas aldeias com as grandes malocas onde moram várias famílias. E na porta, quando você entra na terra Waimiri Atroari tá escrito: "Quando eram 350" –



PSICANALISTAS QUE FALAM

alguma coisa assim – a estrada... Porque a estrada parou também, porque ela não ia dar pra lugar nenhum, então ela parou. "Quando parou a estrada eram 350 indígenas, esse mês comemoramos o nascimento da criança número 1500 e não sei quanto".

Quer dizer... Foi a primeira que a gente visitou. E esses são muito interessantes. E o Vincent já fazia filmes nas aldeias há muito tempo, né? Ele entregava uma máquina, uma câmera na mão dos índios e eles se filmavam, era muito bonito. Enfim... Então essa experiência foi espetacular! Foi espetacular!

Um deles, o cacique Babau, que a gente foi visitar lá no Sul da Bahia, um Tupinambá, que até hoje tá brigando. Mas ele conta a história do passado também. Quando a gente chegou lá, ele tava chegando da cadeia, porque ele põe a cerca dele pra cima dos fazendeiros de cacau, os fazendeiros de cacau põem a cerca pra cá, ele põe pra lá. E ele vivia sendo preso, tava chegando da cadeia.

Essa é a história dos índios até hoje, porque a dos camponeses com o MST melhorou muito!! O MST é uma organização enorme. Ainda há casos, mas a questão da terra no Brasil parou de ser resolvida à bala a partir dos anos 80. Ser resolvida "via de regra", quer dizer, ainda há questões de bala, mas não é mais o modo como... Porque o MST se organizou. E eles, se precisar, eles estão armados. É fácil criminalizá-los por isso, mas ninguém criminaliza os fazendeiros, né?

E os índios são os que continuam lutando, é uma luta que continua. Então pra mim foi muito importante, porque eu me senti contribuindo com uma luta que continua.

Eu consegui, por exemplo, publicar esse depoimento do Davi Yanomami pra Comissão, eu consegui publicar no jornal, pra divulgar um pouco mais. E entendi o valor desses militantes da causa indígena, que antes eu não entendia. O ISA – Instituto Socioambiental, o Andrea Tonacci, que morreu há pouco tempo, que filmava os índios também. Enfim... Foi assim.

[01:55:07] Acho que eu não vou acrescentar nada porque eu não saberia.

CRÉDITOS



**PSICANALISTAS
QUE FALAM**

[MARIA RITA KEHL] Tá bom? Deixei tempo sobrando com tudo que eu falei?

[HEIDI TABACOF] *incompreensível*

[MARIA RITA KEHL] Nossa, adorei, obrigada a vocês!

Ainda bem que eu falei um pouquinho de psicanálise, né? (risos)

FIM